

PROJETO DE PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO PEDAGÓGICA -  
PPEP

FELIPE JUNIOR MAURICIO POMUCHENQ

# ***A Auto-organização fortalecendo o protagonismo e participação dos***

## ***Estudantes no CEFFA de Marilândia***



Marilândia

Espírito Santo – Brasil - 2016

PROJETO DE PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO PEDAGÓGICA -  
PPEP

FELIPE JUNIOR MAURICIO POMUCHENQ

# ***A Auto-organização fortalecendo o protagonismo e participação dos Estudantes no CEFFA de Marilândia***

*De tudo que foi dito, deduz-se que a auto-organização das crianças não é apenas um jogo. Deve ser uma necessidade, uma ocupação séria das crianças, encarregadas de uma responsabilidade sentida e compreendida. A autonomia escolar só se pode basear num trabalho sério e que implique responsabilidades (Pistrak).*

Marilândia  
Espírito Santo - Brasil - 2016

## *Imagine uma escola diferente...*

*Imagine uma escola com muitas pessoas... Todas elas podendo trazer para dentro da escola seus sonhos, seus desejos, suas perguntas, seus problemas...*

*Imagine uma escola que se preocupe em educar as pessoas para um mundo novo, um mundo de justiça e de ternura, que misture sonho e realidade, que ajude as pessoas a entender como é possível fazer sonho virar realidade...*

*Imagine uma escola onde as pessoas não apenas estudem... Uma escola onde elas estudem, trabalhem, se divirtam, se amem; uma escola onde se preparem e se **organizem** para assumir a luta do seu povo...*

*Imagine uma escola onde não seja o professor aquele que tudo sabe, tudo ensina, tudo manda...*

*Imagine uma escola onde os estudantes sejam os comandantes, organizados, responsáveis, capazes de decidir o que fazer, e como fazer as atividades dentro e fora da sala de estudo...*

*Imagine o educador que é capaz de ser: companheiro dos estudantes, que os ajude a se tornar sujeitos, que seja firme nas orientações, puro no cumprimento*

*Imagine uma escola onde não haja castigos, caras feias, intolerância...*

*Uma escola onde todos se sintam companheiros: estudantes, familiares e professores. **Companheiros a tal ponto que consigam abrir mão de pequenas alegrias individuais, sempre que isso seja necessário para o avanço e o bem estar coletivo...***

*Imagine uma escola que faça diferença na vida das pessoas, na vida no campo e na luta por essa vida...*

*Imagine uma escola onde as pessoas da comunidade entrem e participem sem receio, tragam seus problemas e também suas*

*experiências de vida para ensinar as pessoas, aprender com as pessoas...*

*Imagine pessoas que aprendam e ensinam a fazer uma escola deste tipo...*

*Agora deixe de imaginar... Vá a luta, vá a prática...*

*Faça esta escola!!!*



## SUMÁRIO

|         |                                                                                                        |    |
|---------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1.0-    | AGRADECIMENTOS .....                                                                                   | 7  |
| 2.0-    | AUTO APRESENTAÇÃO.....                                                                                 | 8  |
| 3.0-    | INTRODUÇÃO .....                                                                                       | 10 |
| 4.0-    | OBJETIVOS .....                                                                                        | 11 |
| 4.1-    | <i>Objetivo Geral:</i> .....                                                                           | 11 |
| 4.2-    | <i>Objetivos Específicos:</i> .....                                                                    | 11 |
| 5.0-    | PROGNÓSTICO DAS SITUAÇÕES PROBLEMAS DO CEFFA DE MARILÂNDIA.....                                        | 12 |
| 6.0-    | RESULTADOS DA PESQUISA DE ANÁLISE ESTATÍSTICA REALIZADA EM 2015 .....                                  | 13 |
| 7.0-    | MAPA CONCEITUAL DA ABRANGÊNCIA DA SITUAÇÃO PROBLEMA ESCOLHIDA .....                                    | 17 |
| 8.0-    | UM POUCO DA HISTÓRIA E DA FILOSOFIA.....                                                               | 18 |
| 8.1-    | <i>Pedagogia da Alternância: História e Conceitos</i> .....                                            | 18 |
| 8.2-    | <i>Conexões entre Pedagogia da Alternância e Educação do Campo</i> .....                               | 21 |
| 9.0-    | CONSTRUINDO UMA NOVA EXPERIÊNCIA.....                                                                  | 23 |
| 9.1-    | <i>A Auto-Organização e o Trabalho na Escola</i> .....                                                 | 27 |
| 10.0-   | A LIBERDADE NA ESCOLA .....                                                                            | 32 |
| 10.1-   | <i>Liberdade e Diálogo</i> .....                                                                       | 34 |
| 10.2-   | <i>Quando a Escola possui vidros?</i> .....                                                            | 36 |
| 11.0-   | A PARTICIPAÇÃO NO TERRITÓRIO ESCOLAR.....                                                              | 38 |
| 12.0-   | PROTAGONISMO JUVENIL E AUTO-ORGANIZAÇÃO DOS ESTUDANTES.....                                            | 42 |
| 12.1-   | <i>Refletindo sobre a Juventude</i> .....                                                              | 42 |
| 12.2-   | <i>Auto-Organização, alguns Pressupostos</i> .....                                                     | 44 |
| 12.3-   | <i>O desenvolvimento do Protagonismo e da Coordenação</i> .....                                        | 47 |
| 12.4-   | <i>Associação de Estudantes como possibilidade de materialização da Auto-Organização</i> .....         | 50 |
| 12.5-   | <i>Os vícios na organização – Reflexão em torno da Obra de Clodomir Santos de Moraes</i> .....         | 52 |
| 13.0-   | A RESSIGNIFICAÇÃO TEÓRICA E PRÁTICA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE MARILÂNDIA ..... | 55 |
| 13.1-   | <i>Formação e explanação para a equipe de monitores</i> .....                                          | 55 |
| 13.2-   | <i>Formação, Início e Condução das Atividades com os Estudantes</i> .....                              | 59 |
| 13.3-   | <i>Plano de Estudo – P.E.</i> .....                                                                    | 62 |
| 13.3.1- | <i>Roteiro do P.E</i> .....                                                                            | 62 |
| 13.3.2- | <i>Síntese do Plano de Estudo</i> .....                                                                | 63 |

|       |                                                                                      |    |
|-------|--------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 13.4- | <i>Visita ao CEFFA de Rio Bananal</i> .....                                          | 65 |
| 14.0- | RELATOS AVALIATIVOS DE ALGUNS ESTUDANTES COM A EXPERIÊNCIA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO ..... | 67 |
| 14.1- | <i>Depoimento de um estudante da 2ª série – 30 de maio de 2016</i> .....             | 67 |
| 14.2- | <i>Depoimento de uma estudante do 8º ano – 30 de maio de 2016</i> .....              | 67 |
| 14.3- | <i>Depoimento de uma estudante da 3ª série – 30 de maio de 2016</i> .....            | 68 |
| 14.4- | <i>Depoimento de uma estudante da 4ª série – 31 de maio de 2016</i> .....            | 70 |
| 15.0- | AVALIAÇÃO DA AUTO-ORGANIZAÇÃO DOS ESTUDANTES 2016 .....                              | 72 |
| 16.0- | CONCLUSÃO .....                                                                      | 76 |
| 17.0- | ANEXOS .....                                                                         | 78 |
| 18.0- | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                                                     | 89 |

## **1.0- AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela força e pela sabedoria que foram essenciais na realização deste projeto;

Aos meus familiares Carlos, Lusiana e Amanda, minha companheira Rayane, pela paciência e apoio nos momentos de dificuldade durante os estudos;

Aos colegas de trabalho dos CEFFA's de Rio Bananal, Bley, Santa Rita, Jaguaré e Marilândia pelas oportunidades e conhecimentos adquiridos;

Aos estudantes de todos CEFFA's que atuei, mas em especial aos da Escola Família de Marilândia, no qual se desafiaram a mudar e reconstruir sua história;

As famílias, através das associações de cada escola já citada;

À RACEFFAES pelas experiências e por toda formação inicial no qual participei;

Aos assessores e companheiros Magides, Betinho, Chiquinho, Roberto Telau, Elsemara, Vitão, Jaime, Izabel, Janinha, Glorinha, Joel, Paula, Sérgio, Firmino dentre outros que foram importantíssimos neste processo;

Aos colegas da 3ª turma da formação inicial, onde compartilhamos saberes e alegrias nos módulos;

Ao setor Pedagógico do MEPES e ao Centro de Formação e Reflexão - CFR, pela assessoria e disposição que sempre se colocaram em contribuir na formação;

A Paulo Freire, Pistrak, Frei Betto, Makarenko, Ruben Alves, Moacir Gadotti, Roberto Telau, Ruth Rocha, Dermeval Saviani, Heloisa Luck, Papa Francisco, a UNEFAB, Clodomir Santos de Moraes, Miguel Arroyo, Roseli Salete Caldart, dentre outros autores que compartilharam seus conhecimentos comigo no decorrer deste projeto;

A Thaiane e Chaiane, estudantes do CEFFA de Marilândia pela construção da imagem da capa.

A todos que passaram por minha vida, na minha curta, porém aproveitada jornada na educação do campo e na Pedagogia da Alternância, que de uma forma ou de outra foram primordiais na construção dos meus conhecimentos;

A todos agradeço e dedico esta produção. Dedico ainda esta produção a todos que lutam por um mundo justo, sustentável e solidário. Aos movimentos do campo e da cidade, pela defesa da democracia e pela extinção das desigualdades sociais.

## **2.0- AUTO APRESENTAÇÃO**

Eu, Felipe Junior Mauricio Pomuchenq, nasci em primeiro (1) de julho (7) de mil novecentos e noventa e dois (1992), no Hospital Santa Casa de Misericórdia município de Colatina estado do Espírito Santo. Iniciei minha vida nos CEFFA'S no ano de dois mil e cinco (2005), na Escola Família Agrícola de Rio Bananal cursando a sétima série do ensino fundamental. No ano de dois mil e sete iniciei o primeiro ano do ensino médio na Escola Família Agrícola de Ensino Fundamental e Médio e Educação Profissional do Bley, localizada em Córrego Bley, São Gabriel da Palha ES, me formando em Técnico em Agropecuária no ano de Dois Mil e Dez (2010).

Entre o ano de 2011 e 2014, cursei Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Metropolitana de Santo – UNIMES, na modalidade à distância. No ano de 2014 iniciei o curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza e ênfase em Agroecologia na Universidade Federal de Viçosa – UFV, sendo um curso presencial em regime de alternância de acordo com os anseios dos diferentes povos do campo, sendo que o término do mesmo está previsto para dezembro de 2017. No ano de 2015 comecei uma Pós-Graduação *Latu-Senso*, em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, no qual ainda estou atuando.

Comecei a atuar como monitor no ano de dois mil e onze (2011), na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Comunitária Rural Santa Rita, localizada em Córrego Santa Rita Município de Rio Bananal, orientando a disciplina de Agropecuária com estudantes de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, sendo ainda coordenador do Setor Agropecuário da escola, sendo acompanhante da turma da 7ª série.

No ano de 2013 entrei como monitor na rede MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo), na Escola Família Agrícola de Jaguaré - EFAJ, onde atuei com as disciplinas de Química e Biologia com os estudantes da 1ª a 4ª série do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Agropecuária. Na EFAJ atuei em diversas áreas da escola, o que muito contribuiu para minha formação. Fui coordenador da Vida de Grupo, acompanhando assim a associação de estudantes, onde convivi com a rica experiência em auto-organização que a escola possui. Contribui ainda com o setor Financeiro, Estágio, sendo acompanhante da 2ª série (Início de 2013) e 3ª série (2013 – 2014).

Em agosto de 2014 iniciei minhas atividades na Escola Família Agrícola de Marilândia – EFAM, ainda vinculado à rede MEPES, atuando nesta escola em diversas disciplinas como Planejamento e Projeto, Agricultura, Zootecnia, Química e Cafeicultura, no ensino fundamental, médio e curso técnico em agropecuária.

Na EFAM contribui com a coordenação do Setor Pedagógico de 2014 até início de 2016, acompanhei as atividades de expansão da educação do campo em Pedagogia da Alternância de Marilândia e Governador Lindenberg. Auxiliei nas atividades de Estágio, tanto na orientação como na reestruturação do método quanto à sua aplicação, além de propor diversas mudanças em atividades pedagógicas da escola. Fui acompanhante de turma da 2ª série (2014) e 4ª série (2015 – 2016), onde pude acompanhar com maior proximidade o curso técnico em agropecuária com qualificação em Fruticultura e Cafeicultura, ofertado pela escola.

Desde 2015 venho orientando e acompanhando o Projeto Profissional Jovem, atividade que os estudantes realizam na 4ª série do Curso Técnico em Agropecuária, buscando aprimorar o método, estando o mais próximo possível dos estudantes e de sua realidade.

Quando estava em Rio Bananal, possuía intenção de realizar o PPEP voltado para a atividade prática, ideia que permaneceu em Jaguaré. Ao chegar na EFAM, observando os desafios da escola e o anseio pelos monitores e educandos por uma nova organização da escola, decidi realizar o PPEP voltado para as Auto-Organização, proposta que foi acolhida pela equipe e que será descrita neste relatório.

### **3.0- INTRODUÇÃO**

Refletir e propiciar a participação dos estudantes no processo educativo da escola (em diversos espaços), requer grandes esforços e profunda concepção da importância deste mecanismo na formação dos educandos. Esta lógica de teoria e prática, ou seja, de práxis educativa, contribui para a materialização da transformação da escola.

O presente projeto, estudo e prática busca refletir a importância e as formas de estabelecer e aprimorar a auto-organização dos estudantes na escola, possibilitando enxergar a formação para além da ciência, mas visualizando outros aspectos, garantido a construção do conhecimento dos estudantes sujeitos e não objetos na sociedade.

Este Projeto de Pesquisa e Experimentação Pedagógica (PPEP), executado na Escola Família Agrícola de Marilândia (EFAM), passou por diversas etapas até este momento, sendo que o mesmo é um registro de um estudo e de uma prática que estão passíveis de mudanças, visto que este PPEP não está pronto, e não pode ser considerado como modelo e ou receita, mas uma contribuição para esta reflexão.

De início serão apresentados um mapa conceitual com alguns desafios encontrados na EFAM, e os mesmos foram levantados a partir de um olhar e participação antropológica do pesquisador. Em seguida estão expostos os resultados e análises de uma pesquisa estatística realizada no segundo semestre de 2015, justificando assim a necessidade desta pesquisa e de possíveis mudanças na estrutura da escola.

Dando sequência ao registro, segue uma pesquisa teórica, realizada com o propósito de alicerçar a proposta, sendo esta dividida em quatro capítulos, que permeiam aspectos gerais e específicos ao tema. Os temas e assuntos abordados na pesquisa estão brevemente levantados no mapa conceitual do diagnóstico, exposto no início da pesquisa.

Por fim, seguem as observações e análises da prática executada e em execução na EFAM, sendo a mesma assegurada pela teoria e por diversas experiências de demais CEFFA's.

Interiorize, reflita análise, faça a crítica e apresente sugestões sobre esta experiência, lembre-se que ela está e sempre estará em construção, fortalecendo a utopia da transformação da escola e atendendo a diversidade da escola do campo.

#### **4.0- OBJETIVOS**

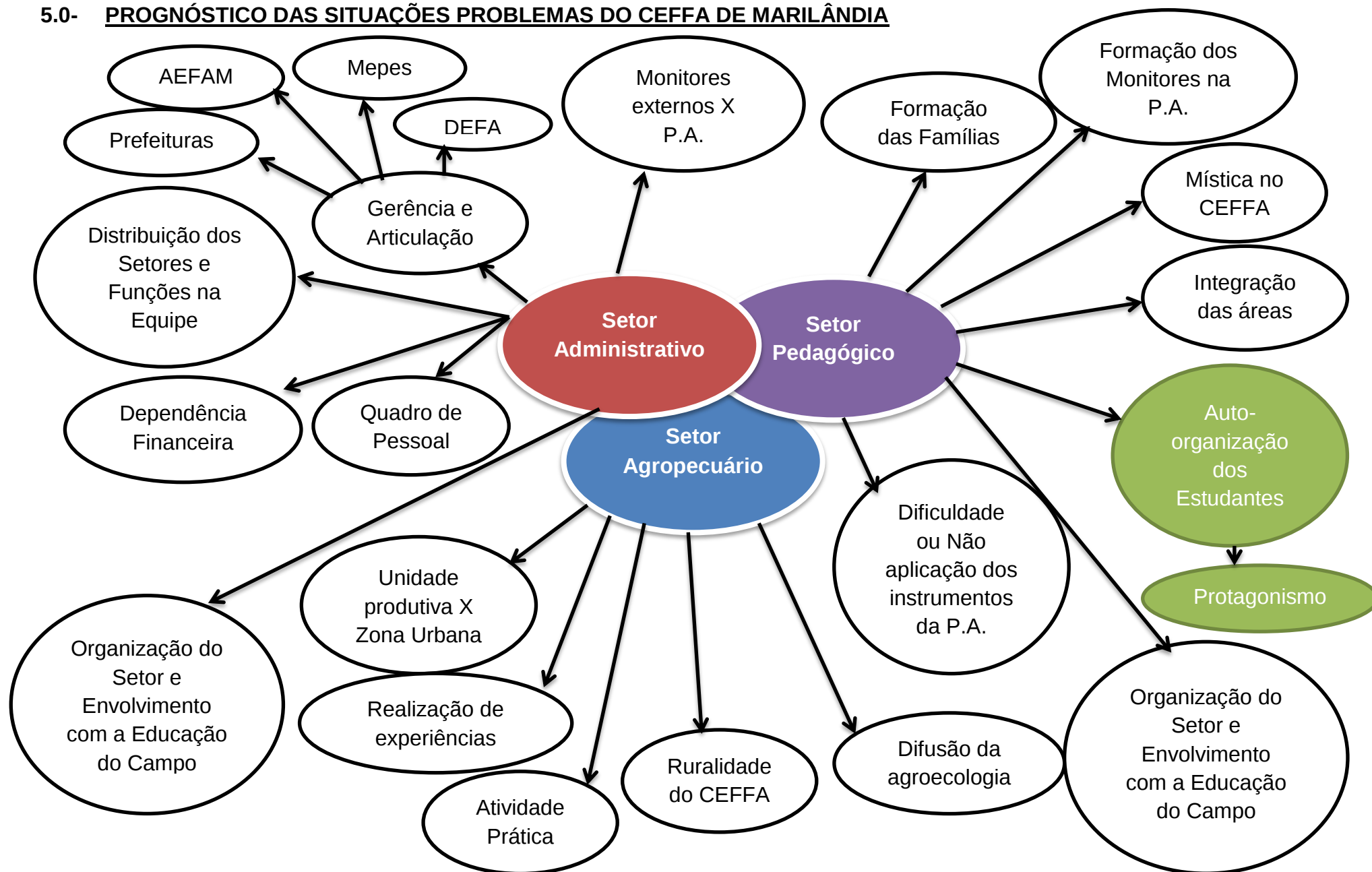
##### **4.1- *Objetivo Geral:***

- ✓ Refletir, aprofundar, praticar e reassignificar a estrutura da auto-organização dos estudantes no Centro Familiar de Formação em Alternância de Marilândia, possibilitando atingir outros níveis e aspectos da formação integral dos estudantes.

##### **4.2- *Objetivos Específicos:***

- ✓ Aprofundar as orientações teóricas em torno da auto-organização dos estudantes;
- ✓ Refletir as conexões entre o protagonismo dos estudantes e a formação para a vida propiciada pelos CEFFA's;
- ✓ Possibilitar novas formas de organização dos estudantes na escola;
- ✓ Envolver os estudantes na gestão, planejamento e execução das atividades propostas pela escola;
- ✓ Garantir mecanismos para a gestão democrática da escola.

## 5.0- PROGNÓSTICO DAS SITUAÇÕES PROBLEMAS DO CEFFA DE MARILÂNDIA



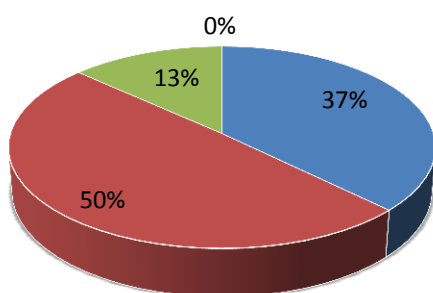
## 6.0- RESULTADOS DA PESQUISA DE ANÁLISE ESTATÍSTICA REALIZADA EM 2015

Em vista de aprimorar os conhecimentos sobre a realidade da escola, e principalmente sobre as opiniões dos estudantes em relação há alguns conceitos e relações que se estabelece a auto-organização e o protagonismo juvenil, foi aplicado aos estudantes do 6º ao 8º ano e 8ª série do ensino fundamental e 4ª série do curso Técnico em Agropecuária, que possui perguntas variadas. O questionário foi aplicado no segundo semestre de 2015, e foi um grande aguçador no desenvolvimento desta pesquisa devido aos dados, pois os mesmos vinham contribuir para meu olhar etnográfico e antropológico que lancei sobre a escola.

Ao todo foram entrevistados oitenta e três (83) estudantes, possuindo idade que varia de onze (11) a (18) anos. Nas primeiras perguntas, procurei identificar o tempo que os mesmo estavam na escola e por qual motivo estavam frequentando esta escola. A grande maioria dos educando está na escola a cerca de um a três anos e por pedido da família, sendo 49,39. Na questão dois, alguns resultados chamaram atenção e nos leva, a refletir a importância do papel do monitor e nas relações do CEFFA com as demais escolas do município, pois apenas 3,61% dos estudantes estão nesta escola por indicação da antiga escola, e nenhum estudante alega estar na EFA de Marilândia por convite de algum monitor da escola.

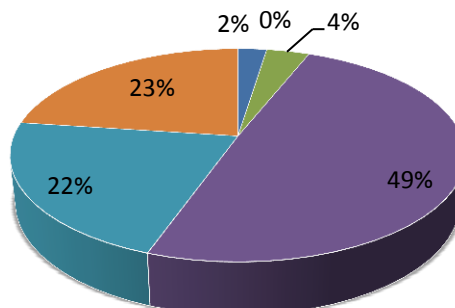
**Questão 01 -Tempo que  
esté na escola**

■ 0-1 ano ■ 1-3 ano ■ 3-8 ano



**Questão 02 -Motivo de estar no CEFFA de  
Marilândia**

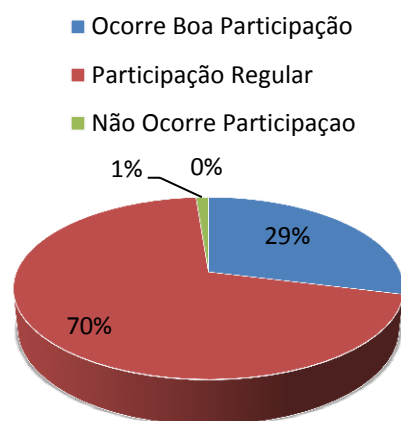
■ Proximidade da Escola ■ Convite de Monitores  
■ Indicação da Antiga Escola ■ A Pedido da Família  
■ Indicação de Conhecidos ■ Outros



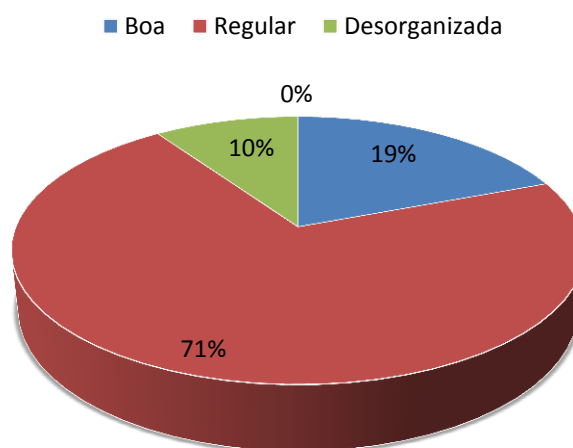
Nas questões três, quatro e cinco procurei refletir sobre a participação dos estudantes nas atividades da escola, sua organização e quais percepções os mesmos conseguem apontar ao comparar a experiência do CEFFA com outras escolas que não adotam a P.A. Um dado preocupante apresentado nesta

pesquisa foi que os 70% dos estudantes apresentaram que a participação e organização dos mesmos nas atividades da escola é regular, apontando para a necessidade de criara mecanismos que contribuam para que eles possam participar mais, e ainda garantir que esta seja organizada, contribuindo para que cria-se espaços de formação. Aproximadamente 29% colocaram que há uma boa participação, sendo que 10% relatam ser desorganizada. Um fato importante relatado pelos estudantes é que, mesmo com esta baixa participação, os mesmos consideram estar mais presentes nas atividades da escola do quando comparam com sua antiga escola ou outra que não adota a Alternância, onde 76% descrevem que nesta escola podem participar mais.

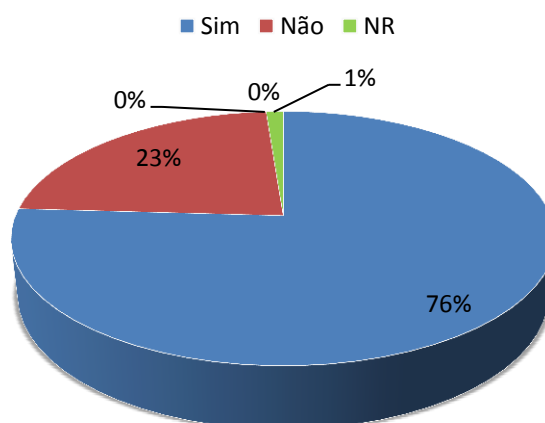
### Questão 03 - Avaliação da Participação dos Estudantes nas Atividades



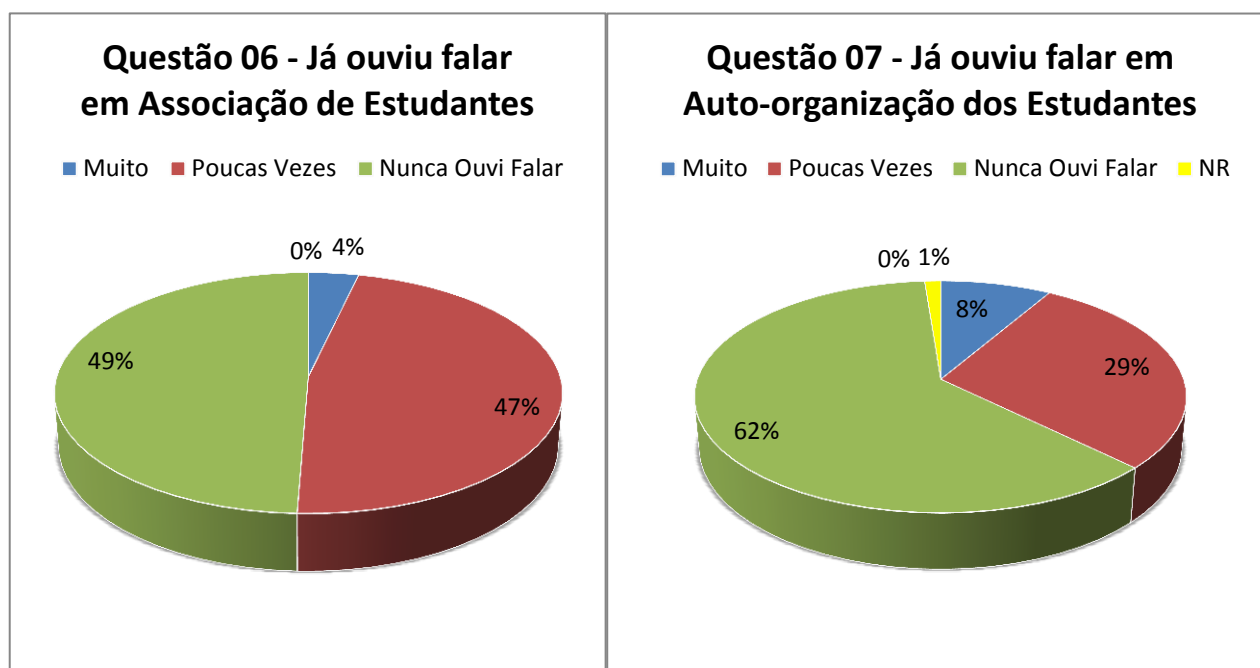
### Questão 04 - Organização dos Estudantes nas Atividades



### Questão 05 - Comparando esta escola com outras que não adotam a P.A. - Participação dos estudantes

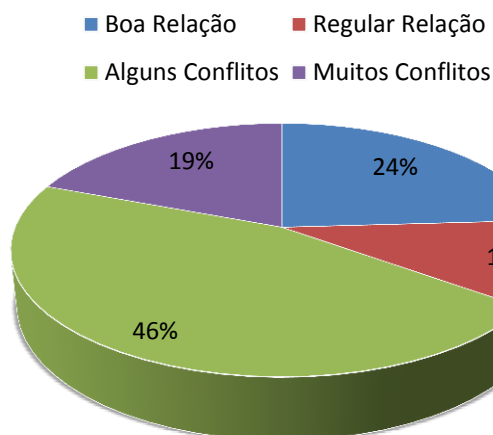


Dando continuidade na pesquisa, nas questões seis e sete procurei ser bem objetivo quanto aos conhecimentos dos estudantes em torno da abrangência da auto-organização. 49% dos estudantes alegam nunca ter ouvido falar em associação de estudantes, sendo que 47% colocaram que já ouviram falar pouco, e apenas 4% disseram que ouviram falar muitas vezes. Estes números também são preocupantes, visto que várias experiências em Alternância no Espírito Santo utilizam associação de estudantes, e este instrumento ainda não é praticado pela escola. Outra questão que merece atenção é que 62% dos estudantes dizem nunca ter ouvido falar em auto-organização dos estudantes, sendo que a mesma já era praticada pela escola, necessitando então de um aprimoramento e difusão deste instrumento pedagógico e político.

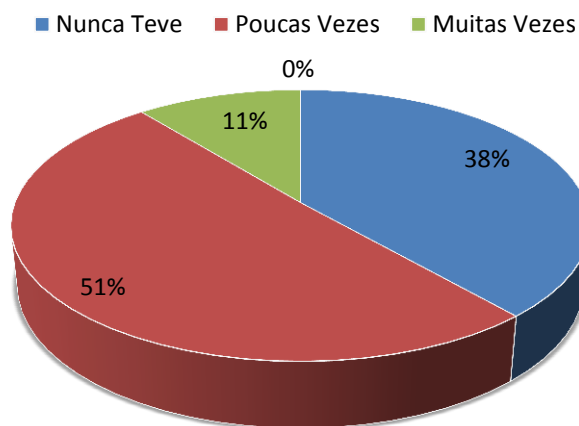


As questões oito e nove objetivaram identificar como está as relações estudante e monitor, neste aspecto 46% dos estudantes entrevistados responderam que percebem alguns conflitos com os monitores, 24% dizem que esta é uma boa relação enquanto 19% acreditam que as relações estudante monitor se concretiza com muitos conflitos. Estes dados são importantes e também preocupantes, pois há um grande número de estudantes que acredita que as relações dos monitores com os estudantes não é boa, apresentando a necessidade de construir laços e meios para administrar os conflitos e construir uma relação de companheirismo. Outro aspecto preocupante é que 51% dos estudantes entrevistado disseram que já teve algum conflito com algum monitor, em contrapartida temos 38% que nunca tiveram conflito, fortalecendo assim a necessidade de avaliar as relações estudante e monitor.

### Questão 08 - Avaliação da Relação dos Estudantes com os Monitores



### Questão 09 - Conflito do estudante entrevistado com algum Monitor



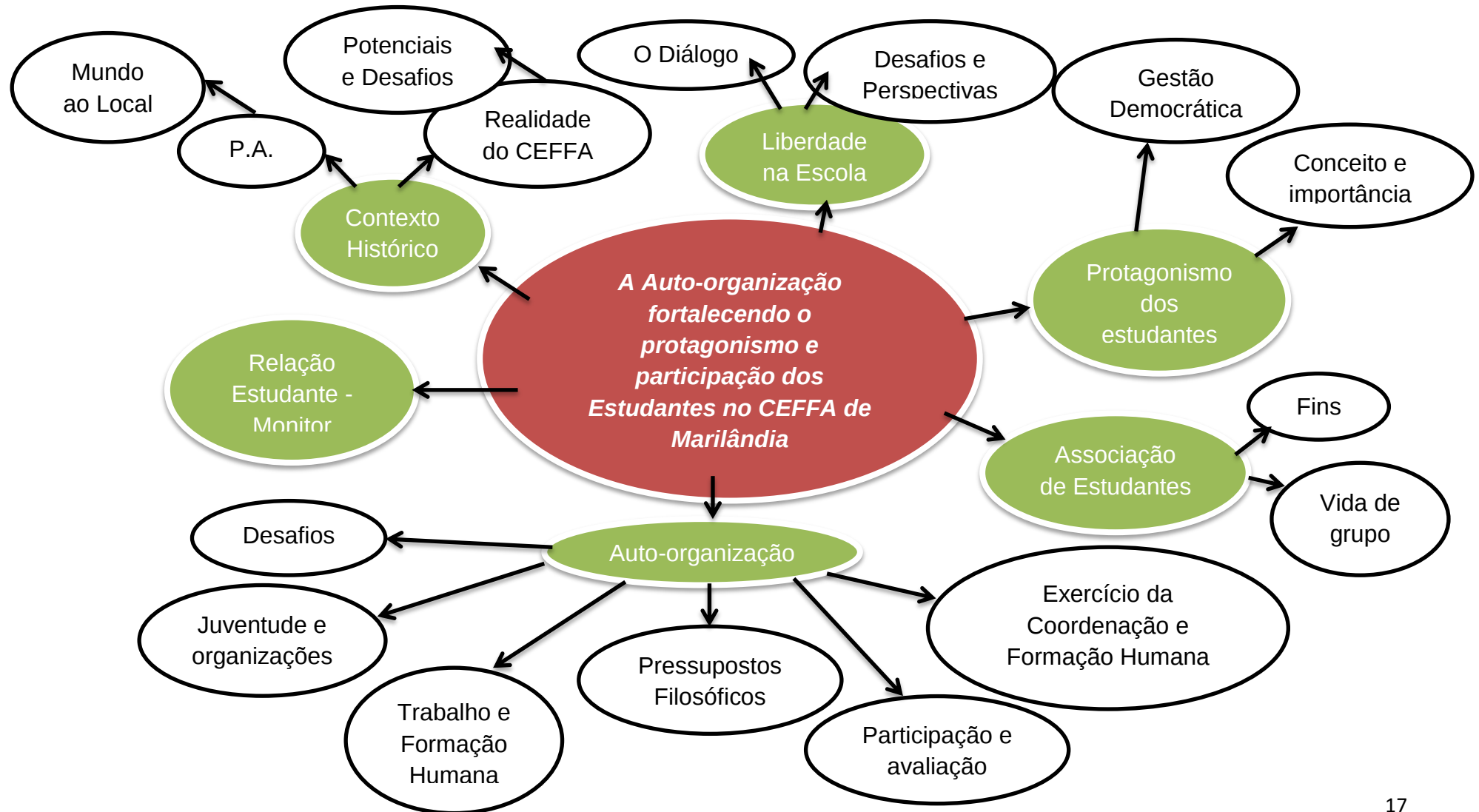
Por fim, na questão dez, procurei identificar as relações dos estudantes e de suas famílias com os movimentos e organizações sociais, isto, pois muitos movimentos possuem instrumentos próprios de organização e fortalecimento das relações coletivas. Neste aspecto, 99% dos estudantes entrevistados disseram que sua família participa de algum movimento ou organização social, sendo que a Igreja é a organização que aparece em maior quantidade, seguida sindicato, Associações, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Movimento dos Pequenos Agricultores e outras organizações. Com estes dados podemos refletir que as famílias que compõem a escola possuem outros espaços organizativos, abrangendo a teia de relações social, política e comunitária do CEFFA de Marilândia.

### Questão 10 - Participação da Família em Movimentos e Organizações Sociais



## 7.0- MAPA CONCEITUAL DA ABRANGÊNCIA DA SITUAÇÃO PROBLEMA ESCOLHIDA

Tema: *A Auto-organização fortalecendo o protagonismo e participação dos Estudantes no CEFFA de Marilândia*



## **8.0- UM POUCO DA HISTÓRIA E DA FILOSOFIA**

*Estamos cada vez mais convencidos de que a Pedagogia da Alternância nasceu para ser uma estratégia pedagógica transformadora, emancipadora, mesmo que para sobreviver às condições adversas a sua finalidade, como no caso do militarismo brasileiro, muitas vezes, embrenhou-se em contextos não tão explícitos quanto a suas finalidades, como é o caso de instituições privadas, filantrópicas e religiosas. (Telau, 2012, p. 24).*

O presente trabalho se debruça em duas vertentes da educação que merecem ser conceituadas e compreendidas, sendo a primeira a Pedagogia da Alternância (P.A.), pois seu momento prático está vinculado a uma escola Família Agrícola, que adota a P.A.; e a Educação do campo, uma modalidade da educação que atende toda a diversidade do campo, incluindo a Alternância.

### **8.1- *Pedagogia da Alternância: História e Conceitos***

A pedagogia da Alternância nasceu na França, no ano de 1935, por iniciativa de camponeses e da igreja católica local, se estabelecendo como *Maisons Familiales Rurales* (Casas Familiares Rurais). O período de início da alternância acontece por uma necessidade dos agricultores de possuírem uma educação própria e apropriada a realidade do campo, em contrapartida a este cenário, o Padre Granereau, que atuava na região francesa percebe os problemas sociais enfrentados pelos camponeses, que na verdade eram problemas da educação, havendo uma grande população sem escolarização.

Por outro lado, os agricultores desejavam uma escola diferenciada, que refletisse os problemas da realidade. Mas era preciso garantir que os educandos pudessem estudar e realizar as atividades agropecuárias junto às famílias. Surge-se então a alternância, que intercala tempos e espaços de aprendizagem, refletindo (a partir de métodos específicos) a realidade, apontando para uma nova realidade.

*Foi a ideia de uma escola realmente para o meio rural e do meio rural; uma escola que rompesse radicalmente como o modelo urbano, não nascida de um estudo teórico, nem de uma tese pedagógica, nem de um levantamento sociológico. (Nosella, 2013, p.45).*

A proposta desta pedagogia está além de alternar tempos de estudo (tempo escolar: chamado de Sessão; Tempo com a família: chamado de Estadia), mas sim propiciar mecanismos de gestão do agricultor, tornando-o parte integrante nas engrenagens da escola além da reflexão da realidade. As escolas em alternância por essência buscam estudar a realidade, trazendo para a escola os desafios e potencialidades enfrentados pelos estudantes e suas famílias, teorizando sobre a prática, construindo um movimento contínuo de reflexão-ação.

*Por meio da alternância a sabedoria prática e a teoria se juntam. A alternância ajuda a aprofundar constantemente as coisas que acontecem no dia-a-dia da família, comunidade, país e mundo em geral. A alternância ajuda a valorizar o trabalho prático manual do agricultor, muitas vezes pesado, como forma de valorizar a cultura camponesa. (Zamberlan, 1995, p.11).*

Através dos gráficos abaixo podemos perceber como esta conexão entre teoria e prática, escola e comunidade, realidade concreta e projetada/nova se estabelecem, utilizando de instrumentos pedagógicos (segundo gráfico), próprios desta experiência.

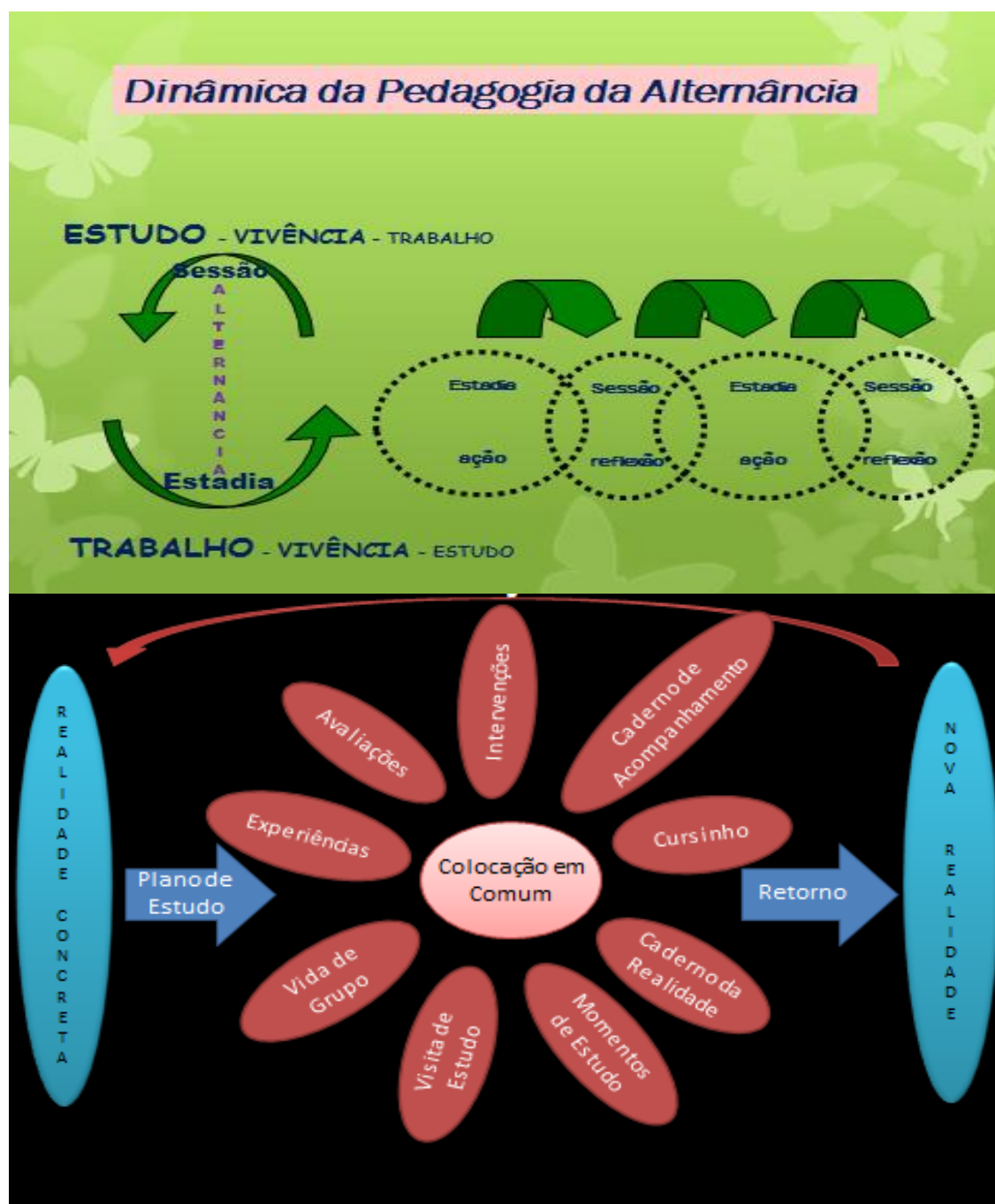


Gráfico Dinâmica e Instrumentos da Pedagogia da Alternância  
Fonte: Projeto Político Pedagógico Escola Família Agrícola de Jaguaré

Dando sequência aos aspectos históricos, a alternância se fortalece na França, mais tarde chega à Itália, sendo neste país por articulação de diversos políticos, possuindo uma realidade parecida como na França, porém, como meios de implantação diferentes. No período em que chegava na Itália, estava se formando em Padre Humberto Pietrogrande, que conhecia o Brasil e o estado do Espírito Santo, onde o mesmo se encontrava indignado com as desigualdades sociais ali presentes. Conhecendo a alternância a partir da experiência Italiana, o padre, em diálogo com diversas pessoas de diferentes formações e profissões, sendo na sua maioria padres de sua congregação, decidem então trazer o método, e em 1968, em Anchieta é fundado o MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo), que irá discutir as ações no âmbito da saúde, ação comunitária e educação.

Com os avanços dos debates e das necessidades de um novo olhar para o campo no estado do Espírito Santo, em 09 de março de 1969 surgem as Escolas Famílias Agrícola de Olivânia (Anchieta) e de Alfredo Chaves (ambas no sul do estado), adotando a Pedagogia da Alternância, e com o propósito de se construir um novo jeito de escola, pensado para a realidade. A expansão da P.A. para todo o estado, para o Brasil e para a América Latina se estende, surgindo vários desafios, sendo que uns foram e outros não superados.

Com a apropriação da Alternância por outros movimentos sociais, por algumas prefeituras e pelos estados, surgem-se diversas modalidades de escola que adotam a P.A., além das EFA's (Escolas Famílias Agrícola), EMCOR (Escolas Municipais Comunitárias Rurais), CFR (Casa Familiar Rural), Escolas de assentamento, dentre outras. Neste Sentido, em assembleia nacional, a UNEFAB (União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil) adota um termo comum, que busca integrar todas as modalidades, servindo ainda de base para políticas públicas, surge-se então a sigla CEFFA's (Centros familiares de Formação por Alternância).

Por diversidades ideológicas e geográficas, os monitores dos CEFFA's do norte do estado do Espírito Santo, criam em 2004, no município de Marilândia, mas com sede no CEFFA Bley (São Gabriel da Palha), uma regional própria, a RACEFFAES (Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação por Alternância), que visa reestruturar a formação dos educadores e potencializar a expansão da alternância no norte do estado.

No município de Marilândia, na década de 1990, preocupado com o crescente êxodo rural da região (mais um dos motivos para a implantação da P.A. no estado através das EFA's), o Dom Geraldo Lyrio Rocha, Bispo da Diocese de Colatina, em diálogo com Padre Humberto Pietrogrande, se motiva pela abertura de uma escola com a dinâmica da alternância, e em 1995 iniciam-se os trabalhos para a criação desta escola, onde a ideia inicial se baseava na construção de uma escola comunitária, gerida por doações não sendo

administrada pelo MEPES. Os desafios no início foram muitos, sendo um deles a falta de conhecimento da comunidade local pela Alternância, mais tarde, em 1996, o MEPES aceita enviar dois monitores de seu quadro para atuarem por um ano na região, em vista de dar condições administrativas, pedagógicas e políticas para o funcionamento da escola, e foi em 07 de abril de 1997 que iniciaram os trabalhos na Escola família Agrícola de Marilândia, funcionando em um prédio cedido pela Mitra Diocesana de Colatina.

A escola iniciou com o Ensino Fundamental séries Finais, e com os diversos desafios financeiros enfrentados pela mesma, no ano de 1999 o MEPES assume administrativamente a escola.

Em 2002 a escola foi reconhecida pela Resolução CEE nº466/01 de 10/01/2002. No ano de 2003 a escola recebe autorização para a oferta do ensino médio, que por sua vez se efetiva somente em 2008, ofertando ainda o curso Técnico em Agropecuária.

Por adotar a pedagogia da Alternância a escola adota diversos instrumentos pedagógicos que a diferem das demais escolas, como Plano de Estudo – PE (método guia), Avaliação de Habilidade e Convivência, Caderno da Realidade – CR, Caderno de Acompanhamento – CA, Avaliação Final, Estágio Supervisionado, Projeto Profissional Jovem (PPJ), Intervenções, Visitas e Viagens de Estudo, Temas Geradores (articulado a teoria de Paulo Freire), Vida de Grupo dentre outros.

Atualmente a escola atende cerca de 170 estudantes dos municípios de Marilândia, Colatina, Linhares, Rio Bananal e Governador Lindeberg, que cursam do 6º ano do ensino fundamental ao Curso Técnico em Agropecuária. Na sua maioria são egressos do campo, tendo ainda estudantes que residem em vilarejos ou centro dos municípios acima citados. A escola possui relação com diversos movimentos sociais e órgãos públicos como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais), MEPES, RACEFFAES, INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural), Prefeituras entre outros parceiros.

A escola conta ainda com duas cozinheiras, um vigia e 15 monitores com carga horária, função e formação variada, que são contratados pelo MEPES ou pela AEFAM (Associação Escola da Família Agrícola de Marilândia) sendo esta o órgão máximo na gestão da escola, se estabelecendo por famílias, ex-estudantes, parceiros e simpatizantes da P.A.

## **8.2- Conexões entre Pedagogia da Alternância e Educação do Campo**

*Dessa forma, estabelecendo uma ligação profunda entre a formação escolar e a formação de uma postura de vida na comunidade, a Alternância torna possível superar a usual fragmentação do*

*conhecimento, que se transforma em uma série de dados e fatos desconectados, como também possibilita superar a separação entre teoria e prática, ambos modelos de ensino-aprendizagem consolidados nos currículos das escolas brasileiras. (RACEFFAES, 2015, p.40).*

A educação do campo se estabelece e se constitui historicamente como movimento, nasce pelas lutas dos camponeses organizados em diversos movimentos, que buscam superar a visão e estigmatização de escola rural, para a efetivação de uma proposta educativa que refletia o campo e seus sujeitos.

Neste sentido percebe-se que a educação do campo possui uma intrínseca relação com a pedagogia da alternância, sendo esta última pertencente à primeira, pois a educação do campo se estabelece pela diversidade, se estruturando como projeto social, que busca romper as desigualdades sociais a partir da humanização dos sujeitos do campo.

A educação do campo por sua vez possibilita a materialização da escola do campo, que pode ser ou não uma escola em alternância, mas que segundo Fernandes (1999, p.65) “É a que defende os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa, que construa conhecimentos e tecnologias na direção do desenvolvimento social e econômico dessa população”. Molina e Sá, (2012, p.235) conceituam ainda como, “A concepção de escola do campo a ser tratada aqui se enraíza no processo histórico da luta da classe trabalhadora pela superação do sistema do capital. O acesso ao conhecimento e a garantia do direito a escolarização para os sujeitos do campo fazem parte desta luta”.

Nesta reflexão, a escola do campo deve ser um meio para as superações, espaço de motivação das utopias, que possua elementos próprios que a diferem dos sistemas tradicionais, que enxergue o educando como capaz de construir seus conhecimentos a partir da sua realidade, uma reflexão próxima da pedagogia da alternância.

Sendo assim, a escola do campo sendo ou não em alternância dialoga e possibilita as reflexões em torno do trabalho na formação humana, da organização coletiva dos sujeitos por meio da auto-organização, na construção e reconstrução de seus métodos e na perspectiva de uma educação crítico libertadora para os povos do campo e da cidade, pois é a partir da união do campo e da cidade que as revoluções e conquistas se efetivarão.

*Por isso, a escola do campo, pensada como parte de um projeto maior de educação da classe trabalhadora, se propõe a construir uma prática educativa que efetivamente fortaleça os camponeses para as lutas principais, no bojo da constituição histórica dos movimentos de resistência à expansão capitalista em seus territórios. (Molina e Sá, 2012, p. 326).*

## 9.0- CONSTRUINDO UMA NOVA EXPERIÊNCIA

*“A revolução e a escola devem agir paralelamente, porque a escola é a arma ideológica da revolução” (Pistrak, 2011, p.24)*

A escola possui papel fundamental em nossa sociedade para a produção de conhecimentos, questionando os que já foram produzidos e que são utilizados no cotidiano, desta forma, a escola se apresenta como um aparelho de produção e de ressignificação do conhecimento, sendo necessário que todos os saberes estudados possam ser utilizados pelos educandos na sua vida futura, em suas atividades profissionais. Paulo Freire (2014) aponta que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção”, neste aspecto o autor aponta para a necessidade de um educador voltado ao diálogo, respeitando os saberes e os tempos de cada educando. Frei Betto (2014) aponta para uma necessidade emergente em uma nova educação, que respeite os valores e as diferenças, sendo este desejo nossa utopia de vida.

*É mais importante educar que instruir; formar pessoas que profissionais; ensinar a mudar o mundo que ascender à elite. Dentro de uma concepção holística, ali a ecologia vai do meio ambiente aos cuidados com nossa unidade corpo-espírito, e o enfoque curricular estabelece conexões com o noticiário da mídia. (Betto, 2014, p.74)*

As práticas de formação dos docentes obedeceram e obedecem às correntes pedagógicas e psicológicas que podem ou não intervir na sociedade, buscando a transformação do meio, do território do sujeito, ou a manutenção das características sociais, sendo na maioria das vezes seguindo critérios de uma sociedade excludente que enxerga as diferenças sociais como normais e irreparáveis. Desta forma, percebe-se a constante busca pelas respostas por desafios comuns nas escolas, onde muitos educadores buscam apenas informações de como lidar com isso ou aquilo, sem se preocupar com as causas da situação, com a real bagagem teórica que darão fundamentos à sua prática, como afirma Pistrak (2011) “A massa dos professores se apaixona principalmente por questões práticas; mas a teoria deixa os professores indiferentes, frio”.

Desta forma, a busca por romper as desigualdades no âmbito da escola, de implantar novos métodos e correntes pedagógicas, pressupõe uma grande luta contra o sistema de ensino implantado pela burguesia, que aprisiona as mentes de educadores e educandos às necessidades das elites. Mas a prática docente deve ir além, o educador progressista e crítico libertador deve buscar romper as entranhas do sistema, se alicerçar em teorias e práticas que enxergam a escola como espaço de luta, resistência, cultura, saberes e política, não sendo um espaço de neutralidade, neste sentido afirma Barreto (1998) de acordo com a Teoria de Paulo Freire sobre a educação,

*Ela estará sempre a favor de alguém e, por consequência, contra alguém. Numa sociedade de classes não é possível um tipo de educação que seja a favor de todos. (Barreto, 1998, p.61 ).*

A busca por uma educação que contraponha o regime de ensino dominante deve se basear em três critérios segundo Pistrak. Primeiro ele nos alerta que, “Sem teoria pedagógica revolucionária, não poderá haver prática pedagógica revolucionária” (Pistrak, 2011, p.19), sendo assim, nos reafirma a necessidade de cada educador estar em constante formação, para justificar a real necessidade deste ou daquele conteúdo a ser aprofundado pela disciplina, como agir em certas situações, aperfeiçoando assim a nossa prática. Continuando a Reflexão, chegamos à segunda orientação de Pistrak, na necessidade que a prática seja fundamentada numa teoria, devendo ser adotada pelo educador na sua íntegra, a partir daí, o mesmo construirá sua nova prática com base no contexto, na realidade.

*Mas, se isso é verdade, é evidente que um bom método para uma escola seria, talvez, mau para outra: é preciso, portanto, desenvolver no professor, a todo custo, aptidão para a criatividade pedagógica; senão, será impossível criar a nova escola. (Pistrak, 2011, p.21)*

Por fim, “A eficácia da teoria se concretizará quando, o próprio professor assumir os valores de militante social ativo” (Pistrak, 2011, p.21), ou seja, não se pode enxergar o mundo como se encontra sem questioná-lo, lançar as perguntas e opiniões. Não se pode esperar de um educador que observe as indiferenças sem ao menos fazer a crítica, cobrar do educando a leitura sem buscar continuamente seus embasamentos, é necessário construir a transformação a partir de nós mesmo, para que a nossa fala e nossa prática caminhem juntas o mais próximo possível, formando nossa identidade de militantes ativos e criativos. Freire aprofunda a reflexão no sentido de incorporar as palavras pelo exemplo, dar corpo as palavras pelo testemunho pois, “Só somos porque estamos sendo” (Freire, 2014, p.34).

Permeando pelo espaço escolar, o educador e a escola demonstram as raízes no qual a escola está inserida e envolvida, pois a mesma sempre manifestará os caracteres daquela sociedade, as lutas, as vitórias e esperanças, porém, como afirma Pistrak (2011) “A escola sempre foi uma arma nas mãos das classes dirigentes”, sendo assim, surge à necessidade de garantir que a escola se fortaleça como espaço social, que construa um projeto político pedagógico voltado aos sujeitos da realidade, visando à libertação dos povos, trazendo a teoria para a realidade. Numa escola em diálogo com o meio, com educadores comprometidos pela transformação social, é sempre necessário buscar alternativas de rupturas das desigualdades sociais postas como “normais”, entender que a mudança é possível como afirma Freire “Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da

cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar” (Freire, 2014).

Baseado na Obra de Pistrak, “Fundamentos da Escola do Trabalho”, numa perspectiva de entrelaçar o sentido do ensino e trabalho como processos de emancipação dos sujeitos do campo e da cidade, de formação de ideologia crítica ao sistema de produção que explora a sociedade, o autor aponta que a base da escola do trabalho, deve permear dois princípios, o do estudo e sua relação com a realidade local e atual e a auto-organização dos estudantes no ambiente escolar.

Pistrak conceitua realidade atual como o momento sócio-histórico em que os povos estão vivendo, sendo suas lutas, desafios e conquistas parte da realidade atual, neste sentido, é necessário destacar que a escola tem o papel de relacionar os fatos do presente com toda produção científica produzida ao longo da história e debatida no interior da escola. Miguel G. Arroyo alerta da importância da relação da escola com o meio, se torando de fato presente, “Escola sim, mas vinculada ao mundo do trabalho, da cultura, ao mundo da produção, vinculada a luta pela terra, ao projeto popular de desenvolvimento do campo” (Arroyo, 1999, p.26). “A escola, os saberes escolares são um direito do homem e da mulher do campo, porém esses saberes escolares têm que estar em sintonia com os saberes, os valores, a cultura a formação que acontece fora da escola” (Arroyo, 1999, p.27). Seguindo este caminho, dentro do contexto da educação do campo, a Escola do Campo possui papel fundamental na materialização de um projeto de educação do campo e para o campo, na construção de uma escola voltada para a realidade atual, sendo necessário garantir suas raízes em seu meio, como afirma Molina e Sá,

*“Assim a concepção de escola do campo a ser tratada aqui se enraíza no processo histórico da luta de classe trabalhadora pela superação do sistema do capital. O acesso ao conhecimento e a garantia do direito à escolarização para os sujeitos do campo, fazem parte desta luta.” (Molina e Sá, 2012, p.325).*

Em vista de afirmar a necessidade das reações da escola com a realidade, é preciso tornar o estudo diferenciado, reestruturando a escola e superando tabus e conceitos impostos aos educadores e educandos ao longo da história, rever um novo sentido de escola, trazendo sentido ao estudo, “O estudo dos fenômenos naturais passará a ter como objetivo principal sua utilização pelo homem na indústria e na produção” (Pistrak, 2011, p.27). Pois, o estudo desvinculado do meio contribui para obstruir o papel da educação, proporcionando a profunda reflexão sobre diferentes aspectos, como afirma Freire (2014) “A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo”.

Outro aspecto importante segundo Pistrak está relacionado aos métodos de ensino, devemos questionar se os mesmos que são utilizados nos espaços escolares são ou não eficientes e condizentes com aquele momento, com aquele objetivo a ser cumprido. Nesta lógica, o autor aponta a necessidade de métodos recíprocos, dialéticos, capazes de fazer um movimento entre saberes, o educador deve ser o agente de busca, provocando o aprendizado pelos educandos, possibilitando a formação de sujeitos que pensam certo como destaca Freire, “Percebe-se assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo” (Freire, 2014, p.28).

Ainda no contexto da realidade atual, Pistrak direciona sobre o papel da escola quanto aos objetivos do ensino, estruturados por sua vez no projeto político pedagógico, que deve ser a bússola da escola, e não um instrumento de gaveta, retirado apenas no início do ano para alterar a data ou em uma eventual utilização, o projeto político pedagógico da escola deve respeitar as especificidades da diferentes idades das crianças, orientá-las para enxergar o mundo com diferentes olhos, serem sujeitos do movimento. A formação conduzida pela escola deve se preocupar com a formação dos estudantes quanto a sua atuação na realidade atual, “Mas, eu, aluno, que espaço devo ocupar na realidade atual, na luta que se trava entre reação e revolução, entre passado e presente?” (Pistrak, 2011, p.29). Nesta perspectiva, a escola será capaz de formar sujeitos que busquem e construam a luta diária contra as desigualdades sociais, o consumismo, o capital, a destruição do meio ambiente e orientar para que o estudante possa construir seus conhecimentos e sua história, se formando e transformando pela luta, pelas relações e pelo trabalho.

Estudar a realidade atual, reconstruir métodos, conceber o sentido e objetivo da educação, intervir no meio, todas estas situações estão intimamente interligadas com a auto-organização dos estudantes na escola, propiciando a formação de sujeitos que estudem, compreendem, lutam e constroem, pois o movimento de reconstruir a sociedade acontece segundo Pistrak pelas bases, e pelas bases organizadas, e o exercício da organização pode e deve ser praticado no espaço educativo formal ou não.

Segundo Pistrak, a efetivação da auto-organização requer algumas necessidades, sendo a primeira da “Aptidão para trabalhar coletivamente e para encontrar espaço num coletivo”. Percebemos que esta aptidão nos direciona para a reflexão de que somos seres sociais, e precisamos dos outros para viver e crescer em sociedade, respeitando as diferenças, mas construindo a coletividade. Nesta primeira aptidão, Pistrak alerta também para um problema que está dentro da escola e de toda sociedade, o individualismo, que destrói a coletividade e a solidariedade como destaca Frei Betto (2014) “A solidariedade é uma tendência inata no ser humano. Porém, se não for

cultivada pelo exemplo familiar, pela educação, não se desenvolve”. Clodomir Santos de Moraes conceitua o individualista como, “Oportunista que acredita apenas no indivíduo e sempre o coloca em plano superior a organização” (Moraes, 1986, p.29), e na auto-organização é necessário superar este desafio, “Dirigir quando é necessário e obedecer quando é preciso” (Pistrak, 2011, p.33). No processo de construção da auto-organização é preciso cultivar a democracia e exercer o espírito de verdadeiro líder, que não acumula cargos, mas que todos possam caminhar pelas diferentes dimensões do processo, alternando os dirigentes nas funções e “hierarquias”.

Uma segunda aptidão a ser construída é de “analisar cada problema como novo organizador”, sendo necessária a superação de formas únicas de organização, mas respeitar a diversidade e adaptando-se de acordo com a realidade, pois é a partir deste pressuposto e de que as crianças alterem suas funções no processo, é que as mesmas se tornaram capazes de enxergar os desafios e aprofundá-los, a escola então se tornará “viva”, como apresenta Pistrak.

Por fim, o autor destaca uma terceira aptidão a ser construída, a da “capacidade para criar as formas eficazes de organização”, esta aptidão reafirma que a escola e os educadores devem acreditar na organização e nos educando, e que o exercício da auto-organização contribuirá para a capacidade de criar novas formas de se organizar e atuar organizadamente na sociedade. “É preciso reconhecer de uma vez por todas que a criança e, sobretudo, o adolescente não se preparam apenas para viver, mas já vivem uma verdadeira vida. Devem conseqüentemente organizar esta vida” (Pistrak, 2011, p.33). É fundamental compreender a capacidade dos educandos e auxiliar no processo de construção dos conhecimentos, respeitando a sua liberdade e seus conhecimentos que já trazem na bagagem da vida ao ingressarem na escola, “Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber” (Freire, 2011, p.60).

### **9.1- A Auto-Organização e o Trabalho na Escola**

No caminho da organização do trabalho pedagógico da escola e na estruturação da auto-organização dos estudantes, é primordial realizarmos uma reflexão em torno do papel do trabalho na formação do educando, possibilitando que o mesmo possa compreender que todo ser humano precisa estar vinculado a alguma forma de trabalho, se inserindo no mundo. “Historicamente, o ser humano se utiliza dos bens da natureza pelo trabalho e, assim, produz meios de sobrevivência e consumo” (Frigotto e Ciavatta, 2012, p.749). De acordo com o afirmado anteriormente, o trabalho contribui para que o ser sujeito possa também perceber suas relações com o ambiente, discernindo que é necessário desfrutar dos bens da natureza com respeito e

ciente de que todo produto do trabalho é proveniente da produção de outros sujeitos.

Pistrak aponta que,

O trabalho, qualquer trabalho, é uma base excelente de *educação*, permitindo resolver os problemas de pura educação, mas não os problemas de ensino. Graças ao trabalho o homem se torna disciplinado e organizado (Pistrak, 2011, p.39).

Neste sentido pode-se ir além, digamos que o trabalho dignifica o homem e a mulher, se tornando sujeitos capazes de consumir e construir conscientes de sua ação no meio, bem como suas relações estabelecidas na sociedade. Pistrak ainda aponta que o trabalho não é uma solução mágica aos problemas da educação, mas um suporte pedagógico que pode auxiliar no desenvolvimento psicomotor da pessoa humana. Importante destacar que trabalho é capaz de se articular com o meio científico, quando o sujeito envolvido é capaz de identificar todo o processo produtivo, desde a matéria prima até a comercialização do produto obtido pela transformação no trabalho. Portanto, a escola deve tratar do trabalho como, elemento integrante da relação da escola com a realidade atual (Pistrak, 2011, p. 41), não devendo a escola tratar do mesmo de forma isolada, mas preocupada com a necessidade humana de onde a escola está inserida.

Neste momento, faremos uma reflexão em torno do livro Fundamentos da Escola do Trabalho de Pistrak, no capítulo O Trabalho na Escola. Serão destacados alguns pontos mais relevantes além de sua contextualização com o espaço escolar em nossa realidade nos dias de hoje.

| Espaço do Trabalho   | Observações segundo Pistrak                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Trabalhos Domésticos | <ul style="list-style-type: none"><li>✓ A higiene pessoal (trato do corpo, dos dentes, das roupas, da cama, dos livros, da caneta, dos cadernos etc.) deve-se tornar um hábito, uma coisa essencial, sem a qual não se possa viver, um hábito tão sólido que seja impossível voltar à sujeira, às condições de vida antissanitárias (Pistrak, 2011, p.43).</li><li>✓ A vida coletiva ainda é uma coisa de realização bastante difícil para nós (Pistrak, 2011, p.44).</li><li>✓ O costume de viver coletivamente pode e deve ser formado entre as crianças tendo como base as tarefas domésticas coletivas, desenvolvendo-se entre elas o sentimento e a compreensão da necessidade e da utilidade sociais destas tarefas (Pistrak, 2011, p.45),</li><li>✓ Mas é preciso evitar que as tarefas sejam penosas. É preciso dosá-las (Pistrak, 2011, p.46).</li></ul> <p>A partir dos extratos acima, percebemos a importância de um CEFFA no desenvolvimento dos trabalhos domésticos</p> |

|                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|----------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                          | <p>pelas crianças. À medida que os estudantes com idades variadas já constroem seus hábitos de organização pessoal no dormitório, no refeitório, no preparo dos alimentos e nas limpezas em geral. Esta prática irá refletir no ambiente sócio profissional do educando, quando o mesmo começa a se preocupar com os cuidados com a casa.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Trabalhos Sociais que não exigem conhecimentos especiais | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ É a segunda forma de trabalho que a escola pode executar (Pistrak, 2011, p.46).</li> <li>✓ Essas Tarefas não são necessariamente constantes nem mesmo periódicas (Pistrak, 2011, p.46).</li> <li>✓ Todas essas formas de trabalho extraescolar, em seu conjunto, acabam constituindo o trabalho social da escola enquanto centro cultural (Pistrak, 2011, p.47).</li> </ul> <p>Neste espaço de execução do trabalho pela escola, diagnosticamos a importância de um novo conceito de aula, estando além das paredes da sala, mas através da realização de atividades interdisciplinares e extraclasse, contribuindo para uma visão sistêmica do ser humano enquanto sujeito histórico e que se transforma ao transformar. Nos espaços dos CEFFA's, percebemos os mutirões, os cursinhos, as aulas práticas como momento de realização desta forma de trabalho, contribuindo para o fortalecimento do ambiente educativo do CEFFA.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| As Oficinas                                              | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ As oficinas são necessárias à escola, servindo como instrumento da educação baseada no trabalho, se não quisermos limitar a escola a um estudo puramente teórico do trabalho humano (Pistrak, 2011, p.48).</li> <li>✓ É preciso participar do trabalho para compreender a essência da divisão do trabalho (Pistrak, 2011, p.48).</li> <li>✓ A oficina aparece, portanto, não como uma etapa inferior no caminho da grande indústria, mas como um campo imediato de experiência e de comparações (Pistrak, 2011, p.49).</li> <li>✓ É preciso, de preferência, organizar oficinas onde se trabalhem os produtos mais conhecidos do ponto de vista técnico e na vida corrente (Pistrak, 2011, p.49).</li> <li>✓ O instrumental e os métodos de trabalho devem ser tão variados quanto possível (Pistrak, 2011, p.49).</li> <li>✓ As oficinas devem possibilitar às crianças a mais ampla criatividade técnica, ou seja, os diferentes objetos preparados numa dada oficina devem ser tão variados e numerosos quanto possível (Pistrak, 2011, p.50).</li> <li>✓ O trabalho na oficina escolar deve ser produtivo (Pistrak, 2011, p.53).</li> <li>✓ É preciso que a oficina escolar produza objetos úteis e necessários (Pistrak, 2011, p.53).</li> </ul> <p>Observando a oficina como espaço de articulação do trabalho com as atividades pedagógicas, podemos identificar o quanto nossas escolas de um modo geral precisam avançar estruturalmente para conciliar estes aspectos, dando</p> |

|                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                     | <p>condições para a realização de oficinas com materiais diversos, possibilitando ao educando perceber o valor da mercadoria, o processo de produção, os custos, a divisão do trabalho e até mesmo sua profissionalização. Destacam-se então as oficinas como importante ato pedagógico na escola do trabalho, contribuindo para a geração de uma sociedade capaz de olhar o mundo e seus componentes naturais ou não de uma maneira diferente, fazer a análise e os devidos aprofundamentos e críticas.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| O Trabalho Agrícola | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Esta forma de trabalho não é estritamente profissional, mas ligada à vida e à atividade humanas em condições puramente naturais (Pistrak, 2011, p.56).</li> <li>✓ Não se trata, portanto, de especialização agronômica, mas simplesmente de uma escola que ensine às crianças a trabalhar racionalmente, fornecendo-lhes uma bagagem científica geral suficiente para trabalhar uma pequena área escolar, consideradas suas idades e forças (Pistrak, 2011, p.57).</li> <li>✓ Na medida em que atender às necessidades do agricultor, a escola se tornará indispensável para ele (Pistrak, 2011, p.57).</li> <li>✓ O trabalho na escola deve contribuir para a compreensão da aliança entre a cidade e o campo (Pistrak, 2011, p.60).</li> </ul> <p>Neste aspecto percebemos como se encaixam a grande maioria dos CEFFA's, que estão ou não localizados no campo, e possuem unidades de produção agropecuária, envolvendo os educandos, monitores, famílias e parceiros. Pistrak deixa claro o papel do trabalho agrícola, não quer desligar da cidade, mas aproximar, buscar, reconhecer e apresentar para a sociedade que este trabalho é indispensável à sobrevivência da humanidade, e que no espaço escolar são necessários pequenos espaços que vão discutindo a realidade atual e desenvolvendo alternativas de produção.</p> |
| A Fábrica           | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ É preciso analisar a fábrica <i>como um fenômeno típico da realidade atual, tomando-a em suas relações amplas e complexas com a vida ambiente</i> (Pistrak, 2011, p.62).</li> <li>✓ O estudo da máquina-ferramenta levanta uma série de questões econômicas, sem falar da técnica, que, afinal de contas, se baseia na física, na mecânica, nas matemáticas e na química (Pistrak, 2011, p.63).</li> <li>✓ Toda a realidade atual desemboca na fábrica. É preciso imaginar a fábrica como o centro de uma ampla e sólida teia de aranha, de onde partem inumeráveis fios ligados entre si de maneira a formar os nós múltiplos da vida (Pistrak, 2011, p.64).</li> <li>✓ E, no entanto, evidente que a escola deva estar ligada à vida e às preocupações da massa operária, à produção e ao trabalho social da fábrica (Pistrak, 2011, p.68).</li> </ul> <p>Quanto a Fábrica, podemos destacar como a mesma é um</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

|                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                        | <p>espaço/território de aglomeração de diferentes extratos sociais bem como toda sua história de vida, sendo assim, a fábrica é um espaço de estudo e de reflexão sobre sua importância para a sociedade. Nas escolas, as oficinas cumprem quase que todo o papel da fábrica, porém, é importante destacar que nem um espaço de produção substitui o outro.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| O Trabalho Improdutivo | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividade que não produzem valores materiais (Pistrak, 2011, p.68).</li> <li>✓ Tais serviços necessitam de um exército de trabalhadores com aptidões profissionais inferiores e medias (Pistrak, 2011, p.69).</li> <li>✓ Cada um dos tipos de trabalhos já citados deve ser considerado pela escola como uma forma de atividade socialmente útil e necessária (Pistrak, 2011, p.69).</li> </ul> <p>A partir destas reflexões propostas pelo autor, percebemos como é importante que os estudantes em nossas escolas tenham contato com atividades que não produzam bens materiais. No espaço educativo do CEFFA, estas atividades são observadas pelo envolvimento dos estudantes nas atividades de secretaria, biblioteca e demais atividades artísticas e administrativas da escola, contribuindo para a escola e possibilitando a formação integral do educando.</p> |

Em fim, com estes aprofundamentos percebemos e fortalecemos a importância da escola no desenvolvimento de sujeitos históricos sociais, capazes de cumprirem seu papel na sociedade ocupando ativamente seus espaços. Neste aspecto, o trabalho é indispensável ao desenvolvimento da pessoa humana, não podendo ser considerado inútil, sendo preciso que seja feita adaptações para as diferentes idades das crianças. Quanto à auto-organização dos estudantes, percebemos como um importante mecanismo para concretizar o trabalho na escola, possibilitando a formação de sujeitos líderes e não objetos da sociedade.

## 10.0- A LIBERDADE NA ESCOLA

*Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (Ruben Alves, Disponível em <http://pensador.uol.com.br/frase/MzczMjY/>. Acesso em 08/01/2016).*

Neste momento, faremos uma reflexão sobre o ato da Liberdade na Escola, e para iniciar, escolhi este texto de Ruben Alves, que faz o desafio aos educadores em vista de analisar a liberdade nas escolas, ou espaços educativos não formais que propiciam a reflexão em torno do conhecimento. Trazendo esta analogia da escola com os pássaros e as gaiolas, podemos perceber como estes fenômenos acontecem nas escolas em nosso cotidiano, como é difícil acreditar na capacidade do educando em ser autônomo no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo que o paternalismo sufoque a capacidade de liderar de cada educando que se encontra inacabado, mas que à medida que busca e que se incentiva, se constrói.

“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceber uns aos outros” (Freire, 2014, p.58), a partir desta análise podemos nos questionar, porque em muitos momentos a escola não acredita na capacidade do educando? O que falta para o educador compreender a autonomia do estudante? Quando somos tesouras que cortamos as asas dos estudantes? Acredito que são polêmicas estas questões, e com respostas variadas, cada educador de acordo com sua formação vai responder de uma forma diferente, porém, é preciso afirmar que o processo de auto-organização dos estudantes busca despertar e fortalecer o protagonismo juvenil, encorajando a arte do vôo, pois voar eles já sabem como afirma Ruben Alves.

Pode-se ainda questionar a origem da liberdade como necessidade humana, e desde quando os sujeitos ao longo da história buscaram a sua liberdade. Podemos afirmar que se uma sociedade busca sua libertação é por que temos sociedades e não uma sociedade, então estamos organizados em classes, sendo uma sob a outra, onde Freire conceitua como Opressora e Oprimida, sendo que a luta da sociedade oprimida é a busca pela liberdade, desde que não se maliciem pela opressão.

*Os oprimidos não obterão a liberdade por acaso, senão procurando-a em sua práxis e reconhecendo nela que é necessário lutar para*

*consegui-la. E esta luta, por causa da finalidade que lhe dão os oprimidos, representará realmente um ato de amor, oposto à falta de amor que se encontra no coração da violência dos opressores, falta de amor ainda nos casos em que se reveste de falsa generosidade. (Freire, 1921, p.31).*

Voltando aos antecedentes históricos da liberdade, em que os homens e as mulheres a buscam pela sua trajetória, percebe-se que esta é uma grande caminhada, e que em diferentes momentos da história da humanidade encontramos sujeitos buscando sua liberdade, e esta busca se torna um ato revolucionário como afirma Saviani (1984, p. 50) “Toda postura revolucionária é uma postura essencialmente histórica, é uma postura que se coloca na direção do desenvolvimento da história”. A partir destas reflexões podemos retornar o olhar para nossas escolas, e nos questionar, como formar sujeitos revolucionários e indignados com qualquer forma de opressão sem antes refletir a liberdade? Se a escola possuir estes ideais, a mesma deve romper a partir dela os preconceitos sobre este tema, frisando que a liberdade não quer dizer a troca de funções do educador para o estudante, mas possibilitar que o mesmo participe no movimento da escola.

Neste momento, quanto a este assunto, queria exemplificar o caso do CEFFA de Jaguaré, uma escola de ensino médio profissionalizante, oferecendo o curso técnico em agropecuária, onde tive a oportunidade de atuar por um tempo de minha vida. Pude enxergar, acompanhar e me envolver como os educandos se apresentam capazes de conduzir as atividades do CEFFA, pois o processo de auto-organização é capaz de levar os estudantes a planejar, executar, fazer a crítica e autocrítica, analisar e se envolverem para que a escola se torne um espaço agradável e feliz. Deve-se lembrar de que a escola também possui desafios, e que em certos momentos os estudantes manifestam vícios que interferem na organização coletiva (o qual trataremos mais a frente), porém, o próprio processo da auto-organização, ao utilizar da avaliação de sessão e das comissões, identifica, se refleti e encaminha os desafios, proporcionando avanços na qualidade do ensino para além das matérias como afirma Gadotti,

*Se qualidade de ensino é aluno aprendendo, é preciso que ele saiba disso: é preciso “combinar” com ele, envolvê-lo como protagonista de qualquer mudança educacional. O fracasso de muitos projetos educacionais está no fato de desconhecer a **participação dos alunos**. (Gadotti, 2007, p.13).*

Na construção da liberdade no espaço educativo, a escola contribui e demonstra na sua prática a indignação e propõem mudanças para um grande problema social, a desigualdade, apontando a democracia e a igualdade entre sujeitos como um caminho para superar as diferenças sociais. “Sobre essa base da igualdade dos homens, de todos os homens, é que se funda então a liberdade, e é sobre, justamente, a liberdade, que se vai postular a reforma da sociedade” (Saviani, 1984, p. 50).

A proposta desta reflexão, como também o exemplo citado do CEFFA de Jaguaré, vai caminhando para a transformação da teoria em prática, dando sentido ao que se fala sobre liberdade e democracia no espaço escolar, pois, “Afirmar que os homens são pessoas e que, enquanto pessoas, devem ser livres, mas não fazer nada para que esta afirmação se torne realidade, sem dúvida, é uma comédia” (Freire, 1921, p.31), com esta provocação, Freire mais uma vez nos coloca a pensar e repensar a prática educativa dentro da escola, pois a liberdade na escola, como proposta de rompimento das desigualdades, é uma tarefa para todo território educativo.

“Os homens são essencialmente livres; essa liberdade se funda na igualdade natural, ou melhor, essencial dos homens, e se eles são livres, então podem dispor de sua liberdade” (Saviani, 1984, p.51), com esta afirmação da liberdade do homem, podemos refletir que à medida que a escola ir fortalecendo esta proposta, observando os possíveis desvios que possam ocorrer, um movimento de resposta pelos estudantes começará a acontecer, ou seja, a liberdade proporcionará a prática da participação, sendo esta, um desafio para diversas escolas na atualidade. É importante que os educadores estejam preparados para vivenciarem este momento, com diferentes características, onde o estudante questiona profundamente o educador, e o mesmo deve agir com cautela, não sendo a tesoura que impede a arte do voo, mas, sendo capaz de refletir com os educandos os desafios, e, juntos encaminhar possíveis alternativas ao rompimento das dificuldades. É preciso ainda, que o educador possa enxergar as entranhas das falas dos educandos, fazer uma análise profunda, e a partir daí, perceber o que ele está querendo com as intervenções.

### **10.1- Liberdade e Diálogo**

As reflexões produzidas e provocadas até o momento contribuíram para que possamos estabelecer as relações da Liberdade com o diálogo, e podemos começar afirmando, que não há liberdade sem diálogo, não há participação sem diálogo, em fim, não há envolvimento pelo projeto que se busca a construir sem que haja diálogo, pois, “Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (Freire, 1987, p.45).

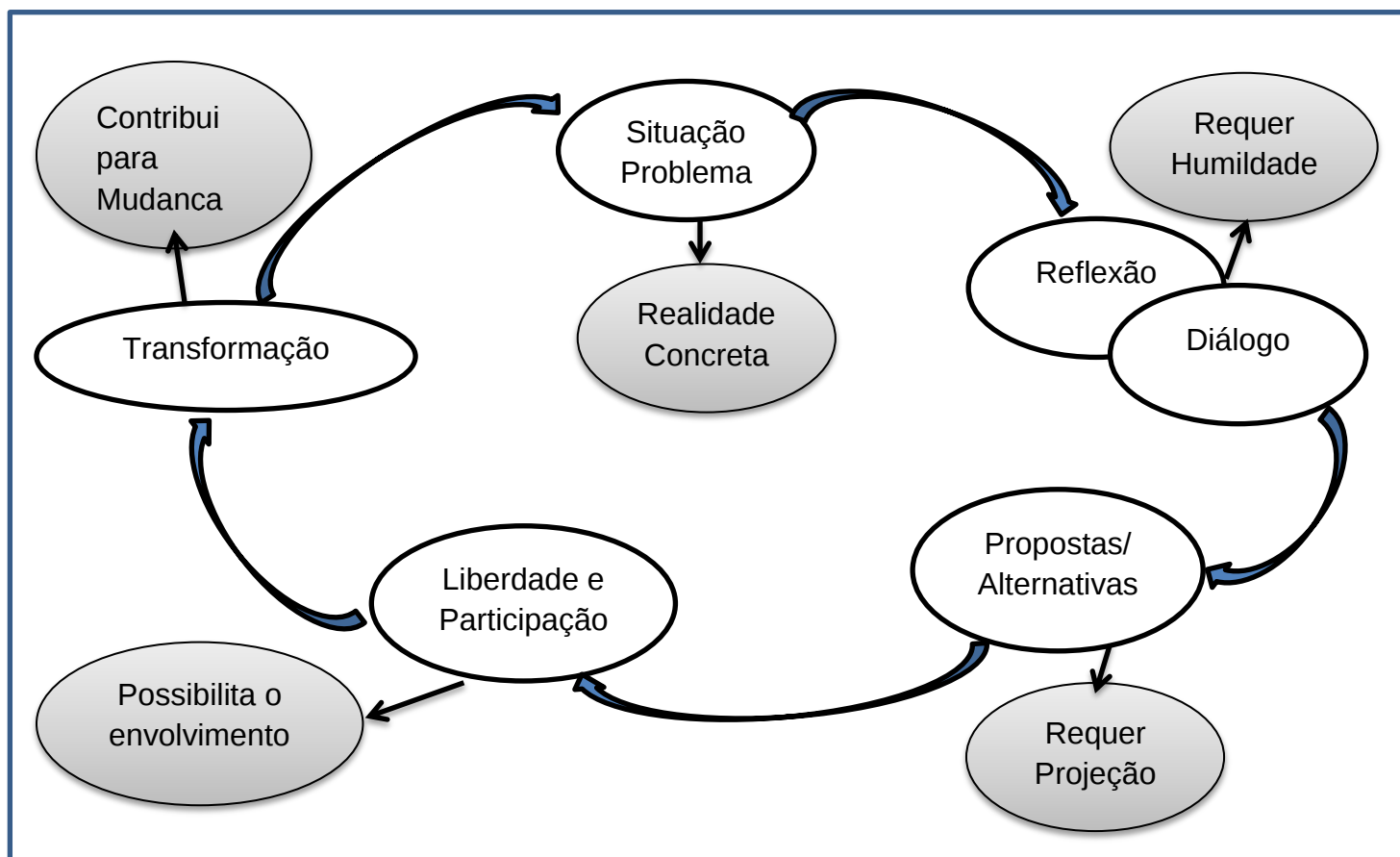
E neste aspecto me questiono, sobre como o diálogo se concretizará num sistema de educação que não respeita a capacidade de opinar e participar do educando? Não tenho certeza na resposta, pois de um lado acredito que primeiro é preciso mudar o sistema educacional para em seguida mudar as suas práticas, por outro lado, acredito também que se houver a mudança na prática educativa na escola, conseqüentemente o sistema educacional estará em mudança, porém, sendo mudanças individuais, e talvez não chegue a uma ampla abrangência como é nossa utopia. E nesta perspectiva, de um novo conceito de escola, Gadotti (2007, p.13) aponta que, “Nesse contexto de

impregnação da informação, o **professor** é muito mais um mediador do conhecimento, um problematizador. O aluno precisa construir e reconstruir o conhecimento a partir do que faz”.

Quanto educador, com uma nova perspectiva de educação, formação e transformação, devo estar aberto a ouvir, me tornar humilde em acreditar que os estudantes, as famílias e toda comunidade escolar contribui para melhor atuação de minha prática educativa, possibilitando o diálogo, superando o autoritarismo e construindo o companheirismo.

*Nesta possibilidade me formo como educador, exercendo minha autoridade e possibilitando o pleno crescimento dos estudantes. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos? (Freire, 2014, p.134).*

É preciso então acreditar, confiar, acompanhar e contribuir para a efetiva prática da liberdade e do diálogo na escola, desta forma, os sujeitos envolvidos perceberam coletivamente as situações problema, e após a reflexão juntos produziram possíveis alternativas, lembrando que os desafios da escola não findam por aí, novas dificuldades surgirão e o processo da auto-organização possibilitará que o ciclo continue, como verificamos no organograma abaixo.



Organograma - Contribuição do Diálogo e da Liberdade para a superação das situações problemas no espaço escolar.

## 10.2- Quando a Escola possui vidros?

Neste momento faremos uma reflexão em torno do texto de Ruth Rocha, com título Quando a Escola é de vidro (que estará em anexo), onde através de uma metáfora, a autora busca refletir sobre uma escola que põe os estudantes em vidros, fazendo uma analogia com o tema debatido neste momento, e buscando apontar possíveis caminhos para a transformação da escola.

Com a comparação produzida pela autora, podemos refletir como a prática de uma educação conservadora, que não visa educar para libertar, aprisiona os educandos a um saber mínimo e sem sentido com a realidade, além de se tornar um espaço educativo sem vida, sem debate e sem construção dos conhecimentos. “Eu ia pra escola todos os dias de manhã e quando chagava, logo, logo, eu tinha que me meter no vidro. É, no vidro! Cada menino ou menina tinha um vidro e o vidro não dependia do tamanho de cada um, não!” (Rocha, Disponível em: <http://br.librosintinta.in/ruth-rocha-pdf.html>, Acesso em: 11/01/2016). Esta provocação é muito forte, nos faz olhar para dentro de nossas escolas e para dentro de nossas práticas pedagógicas a qual interfere fortemente na construção de uma proposta de educação contextualizada.

Estudantes dentro dos vidros são capazes de perder o sentido pelo estudo e pela escola, não se apaixonam pelo ato de aprender e de buscar construir seus conhecimentos e sua história. Esta história se concretiza em diversas escolas atualmente, onde encontramos educadores que não acreditam na potencialidade do educando, educandos que não se motivam a participar e um sistema de ensino fechado sem conexão com a realidade são uma das causas para este fato.

Mas nós estávamos loucos para sair também, e pra cada um que ele conseguia enfiar dentro do vidro - já tinha dois fora (Rocha, Disponível em: <http://br.librosintinta.in/ruth-rocha-pdf.html>, Acesso em: 11/01/2016), este é o sentimento dos diversos estudantes que alcançam a liberdade no espaço educativo, quando conseguem sair de seus vidros que foram impostos como forma de silenciar a diversidade que chega à escola, e que mais tarde este silêncio se manifesta como problemas sociais.

*Então diante disso seu Hermenegildo pensou um pocadinho, e começou a contar pra todo mundo que em outros lugares tinha umas escolas que não usavam vidro nem nada, e que dava bem certo, as crianças gostavam muito mais. E que de agora em diante ia ser assim: nada de vidro, cada um podia se esticar um bocadinho, não precisava ficar duro nem nada, e que a escola agora ia se chamar Escola Experimental. (Rocha, Disponível em: <http://br.librosintinta.in/ruth-rocha-pdf.html>, Acesso em: 11/01/2016).*

Esta é a nossa utopia, para a construção de um novo conceito e prática de escola, é preciso que todos envolvidos na escola se conscientizem desta necessidade, educandos, famílias, educadores e principalmente os gestores das escolas, acreditando na possível mudança, no diálogo, na liberdade, e na construção coletiva dos saberes. Sendo assim, adotando diversas práticas pedagógicas, que possibilitem a saída do vidro pelos educandos é que as escolas se tornaram um espaço literalmente agradável, haverá sentimento de pertença pela mesma, e seu conceito irá além das paredes, mas permeará pela vida dos sujeitos envolvidos.

*A escola não é só um lugar para estudar, mas para se encontrar, conversar, confrontar-se com o outro, discutir, fazer política. Deve gerar insatisfação com o já dito, o já sabido, o já estabelecido. Só é harmoniosa a escola autoritária. A escola não é só um espaço físico. É, acima de tudo, um modo de ser, de ver. Ela se define pelas relações sociais que desenvolve. E, se quiser sobreviver como instituição, precisa buscar o que é específico dela. (Gadotti, 2007, p.12).*



Figura - A Escola do Vidro – Ruth Rocha  
Fonte: <https://www.pinterest.com>

## 11.0- A PARTICIPAÇÃO NO TERRITÓRIO ESCOLAR

*O homem é um animal que não vive sozinho, pois todo ser humano, desde que nasce até o momento em que morre, precisa da companhia de outros seres humanos. (Dallari, 2004, p.12).*

Sendo o ser humano um ser que vive em sociedade, não conseguindo e não progredindo através do individualismo, é preciso refletir como ocorre este processo dentro da escola, e pensando em estruturas organizativas, apontar caminhos para que a participação atenda seus pressupostos, democratizando o acesso de todos no fazer e no propor. Dentro da sociedade para além da escola, a participação exerce influencia nos hábitos das pessoas, ao ponto em que se tornam seres críticos e que se colocam a serviço da construção de novos caminhos e estruturas. Bordenave direciona a reflexão em torno de que a participação avança para o sentido de necessidade, “Ocorre que a participação não é somente um instrumento para a solução de problemas mas, sobretudo, uma *necessidade fundamental do ser humano*, como são a comida, o sono e a saúde” (Bordenave, 2007, p.16).

Permeando sobre o conceito de participação, a mesma está relacionada com o ato de participar, que por sua vez tem relações em que o ser ao participar está a parte, Bordenave (2007) aponta que participar requer Fazer, tomar e ter parte na organização. Desta forma, participação está além de uma simples presença numa reunião, mas requer se incorporar à mesma, auxiliando na sua formação e construindo uma sociedade que seja de fato democrática.

Avançando nossa reflexão sobre o ser humano enquanto ser social e que necessita de participação, é importante destacar que, à medida que ser humano participa e se coloca a disposição ao novo e ao movimento, o mesmo está em processo de formação e desenvolvimento, um tipo de formação que não está nos currículos escolares, mas presente nas relações familiares, comunitárias e de diversos outros tipos de organização social. Porém, atualmente percebem-se grupos e movimentos pedindo maior participação em espaços a eles concedidos ou não, por outro lado, as reuniões de escolas, sindicatos, igrejas e em outras organizações ocorre uma tímida participação efetiva de seus componentes, apontando que há sujeitos que “não” participam. Bordenave (2007) destaca que quando não há participação, há um movimento contrário, da “marginalização”, estando estes a parte, não opinando, não se construindo.

No livro “O que é Participação”, Bordenave (2007), espõem maneiras diferentes de exercer a participação, bem como traçando níveis e graus de participação numa organização ou na sociedade em geral. Comparando as explanações do autor com a auto-organização dos estudantes através da associação de estudantes, podemos previamente relacionar esta organização em dois tipos segundo Bordenave: “Voluntária – O grupo é criado pelo pelos próprios

participantes, que definem sua própria organização e estabelecem seus objetivos e métodos de trabalho” (2007, p. 28); “Provocada – por agentes externos, que ajudam outros a realizarem seus objetivos ou os manipulam a fim de atingir seus próprios objetivos previamente estabelecidos” (2007, p. 28). Quanto aos níveis, a associação de estudantes pode ser caracterizada variando em três níveis sendo, “Co-gestão - Na qual a administração da organização é compartilhada mediante mecanismos de co-decisão e colegiabilidade” (2007, p.32); “Delegação - Onde os administrados tem autonomia em certos campos” (2007, p. 32); e “Autogestão – o grupo determina seus objetivos, escolhe seus meios e estabelece os controle pertinentes sem referência a uma autoridade externa” (2007, p.32). Ocorre esta oscilação de níveis, pois, as atividades da associação de estudantes recebem influências de outros parceiros no movimento dos CEFFA’s.

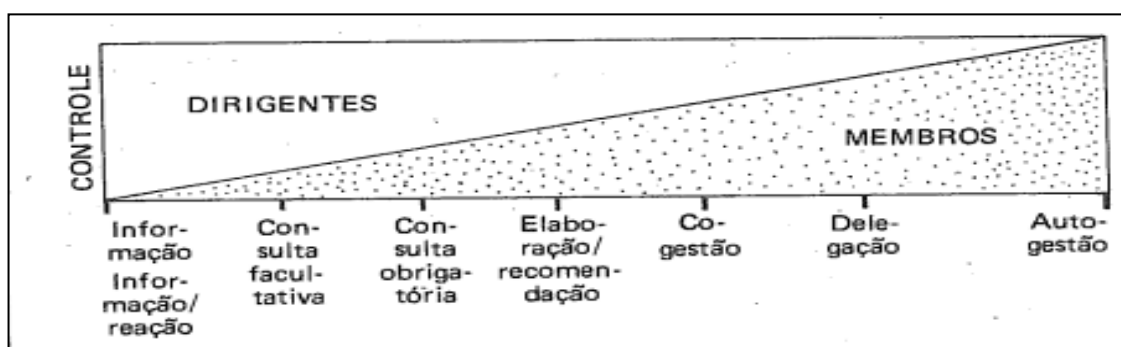


Figura - Os graus e Níveis de Participação  
 Fonte: O que é Participação, Bordenave, 2010, p. 31.

*A democracia participativa promove a subida da população a níveis cada vez mais elevados de participação decisória, acabando com a divisão de funções entre os que planejam e decidem lá em cima e os que executam e sofrem as consequências das decisões cá embaixo. (Bordenave, 2007, p. 34)*

*O homem não nasce sabendo participar. A participação é uma habilidade que aprende e se aperfeiçoa. (Bordenave, 2007, p.46)*

Estabelecer meios para a participação dos estudantes no território escolar é propiciar condições de formação humana, do desenvolvimento da autonomia do educando, possibilitando a construção de uma sociedade participativa e democrática, onde haja diálogo entre grupos sociais, entre as massas e o governo, e ainda que os homens e mulheres se posicionem como



Fonte: <http://piepparatodos.blogspot.com.br/2011/05/o-que-penso-sobre-o-piep.html>. Acesso em 12/04/2016

sujeitos, e não como meros objetos de um sistema autoritário baseado na manipulação das informações e dos meios de difusão da mesma.

É preciso destacar que possibilitar a participação dos estudantes na escola não ocorre de um dia para o outro, requer organização, planejamento e organização por parte dos educadores, que por sua vez deverão aperfeiçoar as suas palavras na prática, evidenciando aos estudantes o que pode ou não se concretizar.

A participação dos estudantes na escola possui intrínseca relação com a formação política dos mesmos, através da observação, argumentação e tomada de decisão se concebendo como seres que não são neutros, mas que sempre estão assumindo um lado, e que é sempre preciso defender um lado que vá contra toda forma de opressão e injustiça, e que busque a participação de toda a população e constante e real igualdade.

*Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionantes a enfrentar. (Freire, 2014, p.59).*

A partir das reflexões realizadas até o momento sobre a participação dos estudantes na escola aponta-se para a perspectiva da gestão compartilhada e democrática na escola. A pedagogia da alternância, como estrutura pedagógica própria e apropriada para as realidades, visa construir novas estruturas sociais a partir da formação humana, sendo a gestão democrática uma das possibilidades de construção da democracia na escola.

Pode-se afirmar que as novas experiências que visam à gestão compartilhada na escola, requerem esforços e ainda aceitar o novo como um desafio provocador e capaz de potencializar diversas mudanças em toda estrutura da escola.

*Esse processo de resistência se explica porque mudanças promovem desestabilização da ordem vigente e de nichos de poder estabelecidos, instaurando desconforto geral, despertando reações contrárias. (Luck, 2010, p.77).*

Neste aspecto é preciso que a escola em suas diversas instâncias saiba administrar os possíveis medos, evitando que a estrutura da organização não seja comprometida por desvios de alguns membros (resistência à organização, por exemplo).

*Aos responsáveis pela gestão escolar compete, portanto, promover a criação e a sustentação de um ambiente propício à participação plena no processo social escolar de seus profissionais, bem como de alunos e de seus pais, uma vez que se entende que é por essa participação que os mesmos se desenvolvem consciência social crítica e sentido de cidadania, condições necessárias para que a*

*gestão escolar democrática e práticas escolares sejam efetivas na promoção da formação de seus alunos. (Luck, 2010, p. 79).*

Outra questão importante a se considerar é que, as estruturas e formas de participação dos estudantes na gestão da escola devem ser construídas de acordo com cada realidade, tomando cuidado com a estrutura organizativa no início do processo, o que pode comprometer a proposta, mas iniciar a partir do aproveitamento de elementos que já existem.

Uma segunda preocupação está relacionada com a orientação dos educadores na organização, pois uma estrutura que não possua espaços de orientações e meios para que a participação ocorra, abre caminhos para um processo desorganizado, onde as tarefas em diferentes concepções (pensar e executar) estão à disposição, e por outro lado não há orientações de como realizar, de qual o perfil desejado, dentre outras condições.

Sendo assim, é preciso construir um ambiente participativo na escola, fruto de reflexões na equipe de educadores da mesma juntamente com as famílias e estudantes. As grandes mudanças na estrutura organizativa da escola devem estar em diálogo, pois assim a mudança não será fruto de um membro, mas uma reflexão no conjunto dos sujeitos que fazem parte da escola, harmonizando as relações e potencializando as ações. Luck (2010, p.90) aponta que, “É importante, portanto, promover na escola uma cultura de assimilação de ideias, associadas à ação, pelo conjunto dos que fazem a realidade escolar por seu trabalho”.

É preciso ainda que seja construído e fortalecido a confiança nos parceiros que fazem parte da escola, possibilitando que todos se manifestem e se coloquem a serviço da organização, diminuindo o individualismo e a formação de pequenos grupos onde suas propostas e sugestões não são acolhidas. Por fim é preciso que na organização se cultive um clima de crítica e autocrítica, quebrando as possíveis arestas, propiciando a solidariedade e diminuindo a dissociação no trabalho pedagógico.

## **12.0- PROTAGONISMO JUVENIL E AUTO-ORGANIZAÇÃO DOS ESTUDANTES**

*É fundamental para os jovens se tornarem protagonistas e empreendedores capazes de promover discussões nas suas comunidades, problematizando em suas localidades a necessidade de construir um novo conhecimento que proporcione desenvolvimento e a concretização dos projetos, que melhorem a qualidade de vida do meio rural. (Santori. R. 2008, p. 08).*

Todo aprofundamento teórico é fundamental para fortalecer e concretizar a proposta deste projeto, porém, acredito que este conteúdo a ser abordado é de grande necessidade e relevância para compreender o processo da auto-organização, construindo assim as propostas de ação no espaço escolar. Neste momento serão abordados conteúdos referentes à juventude, o protagonismo dos estudantes nos CEFFA's, a auto-organização e a associação dos estudantes. Com objetivo de refletirmos a importância da juventude como produtora de conhecimentos e capaz de se tornarem lideranças no seu meio comunitário a partir das experiências na escola.

### **12.1- Refletindo sobre a Juventude**

Podemos começar esta reflexão com uma pergunta: O que é Juventude? Bom, não é fácil conseguir uma resposta única que possa expressar todo este tema, pois de acordo com a intenção que se queira conceituar juventude, a mesma possui significados diferentes. Ao pesquisar em alguns dicionários, percebemos a classificação da juventude como uma fase da vida, intermediária, que se destaca por manifestação da energia humana, estes conceitos por sua vez, abordam uma perspectiva de idade e de comparação com demais sujeitos da sociedade, devendo ser lembrado ainda que a juventude é momento de encontro consigo mesmo e de formação social e profissional.

Porém, o conceito de juventude pode ir além, quando refletimos, por exemplo, sobre a migração de jovens do campo para a cidade com o “intuito” de uma vida melhor, esta parcela da juventude por sinal se encontra à margem, pois já não concebe em seu território alternativas que o auxiliem a permanecer no campo, sendo protagonistas de suas atividades. Outro grupo que poderíamos colocar como localizados à margem, são os milhares de jovem que ao chegarem à cidade não encontram as condições de vida descritas pela mídia, que produz uma imagem que na sua maioria não se concretiza. Ainda estando à margem, encontramos a juventude que entregou sua vida (por causas variadas), ao mundo das drogas e da prostituição, estes são como quaisquer jovens descritos nos dicionários, mas que na prática, não encontraram as mesmas condições de vida, não acessaram políticas públicas como educação, saúde, lazer, trabalho, renda dentre outros.

Raquel Santori (2008, p.05), conceitua a juventude como, “Um período de transição entre a adolescência e a vida adulta, ou como momento presente; bem como pode ser vista como momento único, particular e especial do ciclo de vida das pessoas, ou como parte de uma trajetória da vida das pessoas”. Neste conceito, a autora aborda tanto a questão da idade, mas também da juventude numa abordagem mais ampla de momento especial na vida de qualquer ser humano, concretizando assim sua trajetória de vida, construindo sua identidade social, e conseqüentemente se constrói em sociedade, não sendo sujeitos neutros, mas capazes de apresentar opiniões e participar.

O uso do termo juventude é “recente” em nossa sociedade, o mesmo gira no espaço acadêmico desde o século XVIII a XIX, onde se procura conceituar esta fase em que o ser humano não é mais criança, porém, não é ainda adulto, onde alguns se encontram envolvidos nas atividades produtivas e outros ainda não. Em consequência do início desta discussão, percebeu-se também a visão de lucro sobre a mesma, pois, coloca-se na fase anterior (a infância), como período que necessita de cuidados especiais (pediatria), além da instalação de uma cultura higienista e consumidora. Sobre a juventude, se ganha destaque também o consumismo, onde influenciados pelos meios de comunicação e pela cultura urbana, os jovens do campo e da cidade buscam ser o que a mídia influi e não o que verdadeiramente são, obstruindo sua gênese, que está associada há construção social.

*Uma outra noção corrente de juventude é aquela que a concebe como um momento de transição da infância para a vida adulta. Disseminada no senso comum, essa concepção tende a ver a juventude e os jovens a partir de uma ideia de indeterminação, um momento transitório e passageiro, geralmente marcado por uma crise de identidade e de valores. A juventude assume caráter negativo – fase de confusões, de conflitos, de rebeldia – em contraposição à positividade da vida adulta, à qual está subordinada. (Leão e Freitas, 2008, p.19)*

Retornando a questão do jovem do campo, compreendemos que a migração destes sujeitos para os centros urbanos, compromete a configuração do campo bem como possíveis problemas sociais relacionados ao cuidado com os recursos naturais e a produção de alimentos, pois, “Os jovens estão indo embora! Essa expressão sintetiza uma imagem do jovem do campo no Brasil” (Castro, 2012, p.439), desta forma, esta afirmação justifica a necessidade de constantes inovações em políticas públicas capazes de envolver e dar condições para a progressão dos jovens em diferentes espaços da sociedade, não somente no campo, dando possibilidades para que seus sonhos e projetos possam se concretizar. “Os sonhos dos jovens precisam ser respeitados e apoiados da melhor forma possível” (Santori, 2008, p.10).

Sendo assim, devemos usar o termo “juventudes”, pois a mesma se encontra com uma diversidade imensa, nas diferentes regiões, territórios, raças e etnias,

sendo que a realidade onde está inserida propicia a formação de sua identidade, e seu envolvimento com as organizações sociais proporciona a formação de sujeitos envolvidos com as causas sociais e com a transformação social. No espaço escolar, evidenciamos este conceito, pois chega à mesma uma diversidade de histórias, concepções, envolvimento social e nível de consciência, e a escola precisa de se preparar para receber, envolver, fortalecer e apoiar estes jovens, contribuindo para a construção de seus projetos e sonhos.

Com estes aprofundamentos podemos compreender a importância da juventude na sociedade, como membros ativos e envolvidos, porém, este mesmo grupo social sempre esteve à margem de políticas públicas que os beneficiassem, contribuindo, portanto para sua autodesvalorização e criação de preconceitos pela sociedade, como se houve falar, “Os jovens só fazem bagunça”, “Estes meninos e meninas (jovens) não tem cabeça mesmo”. Sendo assim, é necessário maior engajamento das organizações concebendo espaços aos jovens, e a escola possui papel fundamental neste processo.

*Neste contexto, a mobilização social e política torna-se um elemento fundamental para a conscientização dos e das jovens como sujeitos de direitos e deveres, bem como portadores de especificidades e necessidades que devem ser reconhecidas na sociedade como demandas cidadãos legítimas (Santori, 2008, p.06).*

A partir desta explanação, compreende-se o quão importante é o trabalho de envolvimento e engajamento do jovem num processo organizativo, sendo a auto-organização um meio capaz de garantir esta participação, dando condições para que o jovem crie sua identidade, e possa ser capaz de se tornar um agente transformador em seu meio, não sendo objeto de um sistema que exclui, mas autor e protagonista na construção dos saberes, da participação política, assumindo a liderança que cada um possui, sendo apenas necessário em alguns casos encorajamento.

### **12.2- Auto-Organização, alguns Pressupostos**

A formação do estudante/jovem no espaço escolar ou não escolar deve sempre propiciar que o mesmo seja sujeito no seu território, construindo e reconstruindo saberes, sendo necessária a articulação com outros meios organizativos, capazes de proporcionar a efetiva formação pessoal e coletiva. Neste sentido, vamos refletir sobre a auto-organização, como instrumento formador das massas para atuarem coletivamente e conscientemente na sociedade.

A sociedade capitalista se reproduz no espaço escolar, onde se apresentam métodos e hierarquias capazes de manipular e possibilitar que os sujeitos que estão na escola se tornem objetos, pois só é possível se tornarem sujeitos na medida em que se formam, transformam e se formam novamente, ou seja, o

oposto do sistema tradicional comumente difundido na escola Capitalista. Sendo assim, no espaço escolar é comum encontrar situações em que ocorre a imposição dos saberes, havendo sobreposição da ciência, onde o educador utiliza do autoritarismo como método capaz de “silenciar” as vozes e sentimentos.

Desta forma, concretiza-se a manutenção dos interesses do poder hegemônico vigente, de impor sobre, e não de dialogar com os povos (estudantes, agricultores, mulheres, negros, indígenas, etc.). Porém, a construção de um estado justo e solidário, perpassa com uma necessidade básica, o diálogo, como afirma Paulo Freire (1987, p.72) Estamos convencidos de que o diálogo com as massas populares é uma exigência radical de toda revolução. Diante da afirmação de Freire compreende-se que o diálogo é um grande passo para o envolvimento das massas, e com o auxílio de outros métodos serão capazes de transformarem sua realidade.

*Não aspiramos apenas a uma colaboração ativa das massas na vida cotidiana, queremos que elas se dediquem a uma atividade criativa real, participando na transformação rápida (exigida pelas novas condições) das formais características da ordem vigente. As massas trabalhadoras, utilizando a herança do passado, devem construir, e construir rapidamente um mundo novo e grandioso. (Pistrak, 2011, p.143).*

Neste momento, devemos avançar a reflexão no sentido que não ocorre à transformação apenas ouvindo as bases, afinal quando se fala em bases nos deparamos para mais um conceito, de que o individual passa a ser coletivo, afinal é preciso ouvir os povos e não um eu está no povo, caso se concretize este segundo tópico estaremos estabelecendo uma falsa democracia, que propiciará a manutenção de um sistema autoritário. Mas o que são os coletivos? Como e porque identifica-los? Pistrak (2011) conceitua como uma Concepção integral e não um simples total referido às suas partes, o coletivo apresenta propriedades que não são inerentes do indivíduo. A quantidade se transforma em qualidade. Desta forma, o coletivo é a manifestação, ao mesmo tempo em que é particular é individual, pois respeita as diferenças, e este coletivo sendo ouvido, construindo meios de organização, dialogando, prosseguem na busca pela transformação social.

Voltando ao contexto escolar de crianças, jovens e adultos, afirmamos assim a necessidade da estruturação da auto-organização, respeitando os conhecimentos e histórias que os educandos já trazem, sendo que a escola/educador deve aguçar o processo de auto-organização. “A escola deve transformar os interesses individuais, as emoções das crianças, em fatos sociais, cimentado com base nisso o coletivo infantil” (Pistrak, 2011, p.146). À medida que o coletivo estiver em constante movimento e diálogo, os processos

organizativos irão se concretizando como afirma Pistrak (2011, p.146) “O Coletivo das crianças criará, pelo próprio fato de existir, a auto-organização”.

*Numa Coletividade bem organizada, todo processo educativo é realizado sem esforços especiais, como uma assimilação incessante de impressões, comportamentos e relações mais sutis e diversificadas. (Makarenko, apud Luedemann, 2002, p.284).*

A auto-organização dos estudantes vai se construindo, não se torna um mecanismo de dominação, mas capaz de integrar o coletivo, que por sua vez é diverso, contribuindo para que a vida de grupo se torne saudável e organizada dentro do ambiente escolar.

*No CEFFA a auto-organização é do tipo que busca desenvolver-se gradualmente na medida em que se desenvolve o coletivo das crianças e jovens, e que o círculo das preocupações do grupo se amplia crescendo a necessidade da organização do grupo. (EPR da RACEFFAES, 2008, p.39).*

Pistrak, porém alerta para os caminhos que a auto-organização pode tomar na prática pedagógica. Caso ela seja entendida como mecanismo de “Ajuda” ao educador e a escola, a mesma se tornará insuficiente, uma vez porque irá atuar no campo mecânico da execução das atividades, não se infiltrando e se preocupando com o mais importante, que é a formação da criança e do jovem, mais uma vez uma falsa participação e democracia estarão se estabelecendo.

Por outro lado, a auto-organização deve ser movimento e presença com os educandos, sendo o educador um companheiro aos estudantes que possibilitaram o efetivo desenvolvimento do processo.

*Desenvolve-se gradualmente, na medida em que se desenvolve o coletivo das crianças, na medida em que o círculo das preocupações infantis se amplia, crescendo a ideia da necessidade da organização. Esse tipo é mais sólido, tem uma base mais ampla; e mais, cria condições favoráveis ao surgimento nas crianças de novos interesses, ao aparecimento de uma curiosidade sã e maior. (Pistrak, 2011, p.148).*

Este segundo tipo de manifestação da auto-organização torna-se mais complexo e difícil de concretizar-se, necessita de maior empenho, presença e participação dos educadores reconhecendo-se em processo de formação e companheiros aos educandos. A efetivação desta proposta proporcionará a formação do estudante para além dos conteúdos programáticos, mas tornará possível o trabalho e a vivência em coletividade como seres ativos na sociedade.

Neste momento, faz-se necessário caminhar sobre uma outra reflexão, é primordial compreender que a auto-organização não é a substituição da função do educador para o estudante, pelo contrário, o educador se envolve muito

mais, se manifestando menos, não se inferiorizando, mas sendo capaz de romper com a estrutura do autoritarismo, ele deve ser o mediador e intervir sempre quando preciso, mas respeitando e entendendo os passos que os estudantes devem tomar. As crianças e jovens se tornaram capazes de intervir e resolver conflitos na vida de grupo, porém, em determinados momentos o educador precisa assumir o seu papel, visto que os estudantes ainda não desenvolveram a maturidade para solucionar todas as dificuldades. A auto-organização não pode se tornar um instrumento em que os educandos apenas manifestem problemas, que “reclamem” dos desafios, e quando isto acontecer o educador deve intervir, através do diálogo, garantir que os educandos compreendam a diferença de falar sobre os problemas e desafios do que falar apontando também possíveis alternativas. “Um dos objetivos da organização é quebrar a autoridade absoluta do chefe, baseada na força, substituindo-a pela autoridade do coletivo, encarregado de criar sua vida e sua própria organização” (Pistrak, 2011, p.161).

*Mas este tipo de relação entre os mais velhos e os mais novos constitui uma forma mais elevada na organização do processo educativo e requer uma direção e uma influência pedagógica qualificada e bem meditada. (Makarenko, apud Luedmann, 2002, p.284)*

### **12.3- O desenvolvimento do Protagonismo e da Coordenação**

Com base nas reflexões sobre à auto-organização que realizamos até o momento, podemos afirmar que a organização dos estudantes ou de outros coletivos na sociedade possibilita a formação de sujeitos protagonistas, capazes de construir e reconstruir sua história, almejando seus sonhos e lutas. Desta forma, a associação da organização com o protagonismo são elementos fundamentais para a revolução, seja ela em vários sentidos, desejos e provocações como afirma o Papa Francisco.

*Eu peço a vocês que sejam revolucionários, que vão contra a corrente. Sim, nisto peço que se rebelem, contra essa cultura do provisório que, no fundo, crê que vocês não são capazes de amar de verdade. Tenham coragem de ir contra a corrente. (Francisco, apud Souza, 2016, p.19).*

Ir contra a corrente em uma sociedade fechada e comprometida apenas com o lucro é desafiador, ao mesmo tempo em que é utópico é real, pois ao almejar uma nova sociedade, percebemos a necessidade de caminhos, e estes devem estar em diálogo e organizados. Aceitar este desafio é deixar que nos tornemos revolucionários da história que se renova, como afirma Souza “Assim, ser jovem revolucionário é, sobretudo, uma atitude de indignação contra toda e qualquer injustiça cometida contra outra pessoa e, hoje, contra o ambiente e os seres vivos” (Souza, 2016, p.19).

Sendo os estudantes como sujeitos em processo de formação, percebemos o quão importante é a formação de seu espírito de liderança e protagonismo, possibilitando que estejam na sociedade, questionando, observando, criticando e construindo. Souza, conceitua protagonismo juvenil, como “A participação dos jovens em atividades que extrapolam o âmbito de seus interesses individuais e familiares. Protagonista é a pessoa que ocupa um lugar de destaque num acontecimento. Ser protagonista é ser ator, entrar em cena, participar” (Souza, 2016, p.19). O autor ainda destaca que é primordial a participação para que assim possamos assumir uma postura social ativa, crítica e que busque sua autoconstrução. “Somos o que fazemos, mas somos principalmente o que fazemos para mudar o que somos” (Souza, apud Eduardo Gelano, 2016, p.19).

A partir deste diálogo sobre o protagonismo, observa-se que o mesmo está associado à formação humana, e se materializa no contexto da Pedagogia da Alternância, onde os estudantes se organizam para a execução das atividades de estudo, trabalho, nas relações sociais e momentos individuais e coletivos,

*O sujeito promocional busca desenvolver continuamente as potencialidades humanas em todas as dimensões em vista do homem social, portanto não existe promoção individual, o homem se promove junto com os outros. (EPR da RACEFFAES, 2008, p. 33).*

A formação entendida agora também como relação, e a prática da vivência coletiva, apontam para a necessidade do rompimento com a cultura paternalista, muito difundida em escolas tradicionais, onde o educador se apodera de todas as possibilidades de participação que os estudantes poderiam ter, tornando-se ainda assistencialistas aos educandos.

*O paternalismo é anti-educacional, anti-promocional, pois opõe a auto-realização do marginalizado. O estatismo ditatorial tira a liberdade, impedindo a auto-promoção autêntica e o assistencialismo se converte em o “ópio do povo” que adormece marginalizado, servindo de obstáculo às iniciativas particulares deles ou criando conformismo. (Enriquez 1970, p.53, apud EPR da RACEFFAES, 2008 p.34).*

*O antidiálogo, dominador, nas suas relações com o seu contrário, o que pretende conquista-lo, cada vez mais, através de mil formas. Das mais duras às mais sutis. Das mais repressivas as mais adocicadas, como o paternalismo. (Freire, 1987, p.78).*

Sendo assim, nos CEFFA's, o protagonismo se desenvolve articulado com a auto-organização, sendo esta o meio, e a formação do jovem sujeito protagonista o fim no processo educativo. Diante desta reflexão, os CEFFA's são concebidos como espaços de revolução, espaços de desenvolvimento de novos seres da história, sujeitos e não mais objetos, desde que sempre

tenham e pratiquem a auto-organização com o propósito da formação e não do suporte ao educador como já citamos.

O processo de auto-organização dos estudantes, visando o desenvolvimento do protagonismo dos mesmos, auxilia no desenvolvimento da coordenação entre os estudantes, entendendo que todos fazem parte do processo organizativo coordenadores e coordenados, possibilitando atingir os aspectos da formação integral como um dos pilares da pedagogia da alternância.

*O chefe do destacamento deve esforçar-se para que o seu destacamento constitua uma coletividade unida. A sua autoridade deriva do melhor trabalho que realize, do comportamento exemplar, da sua intransigência como membro da juventude comunista e da sua não conversão em “patrão”. (Makarenko apud Luedmann, 2002 p.291).*

*Desta forma, a Pedagogia da Alternância propõe uma Formação Integral que leve em conta todas as dimensões da pessoa, formando cidadãos autônomos, com consciência crítica e solidária que constitui base do desenvolvimento pessoal e comunitário. (Rocha, 2007, p.06)*

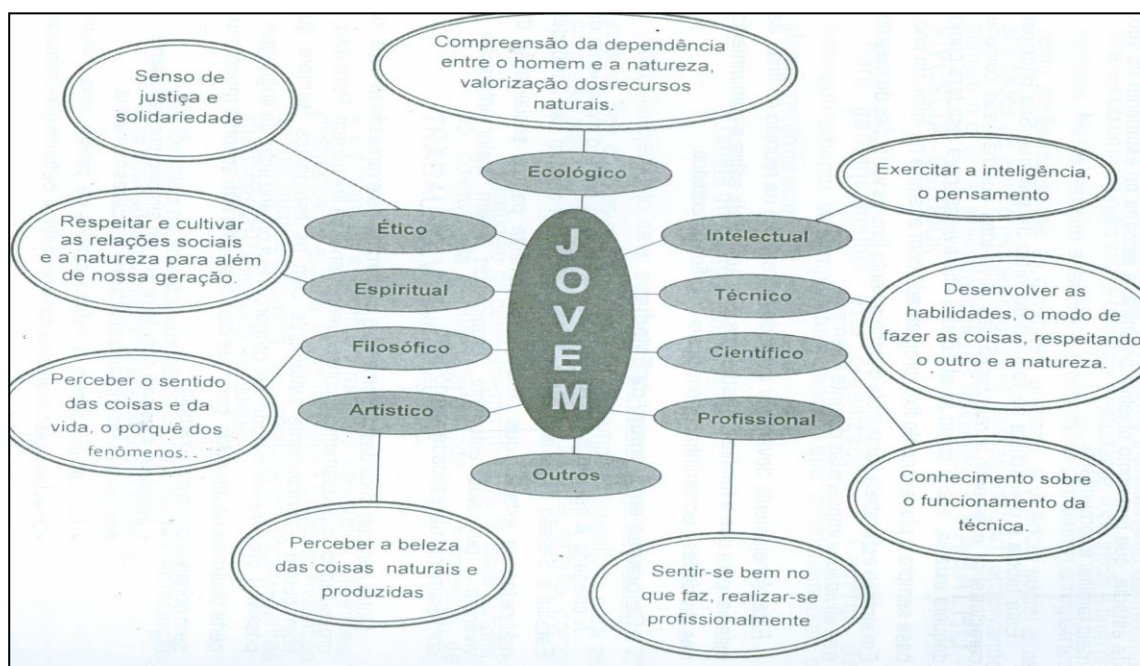


Figura - Formação Integral do Jovem na P.A.

Fonte: Caderno de Acompanhamento – RACEFFAES 2013

A formação do jovem como coordenador irá auxiliá-lo nas atividades exercidas pelo mesmo, contribuindo para um melhor relacionamento do mesmo dentro da sociedade e nas relações com os outros, uma vez que enxerga os “outros” e a realidade de maneira diferente e respeitando as especificidades.

Makarenko, em sua obra Metodologia para a organização do processo educativo, aponta para algumas necessidades que o coordenador deve apresentar ao coordenar uma equipe, necessidades estas que irão interferir em

todo o desenvolvimento das atividades, contribuindo para a eliminação de vícios na organização (assunto que será abordado mais a frente).

Segundo Makarenko, uma das primeiras funções está relacionada “Quanto ao cumprimento dos horários”, possibilitando que as atividades sejam executadas no tempo estabelecido. Outra preocupação do coordenador está relacionada aos “Aspectos sanitários”, observando a higiene do espaço ocupado pelos colegas, como também a saúde dos mesmos. É preciso ainda que o “Coordenador se preocupe com o desenvolvimento dos demais” sujeitos, se todos estão conseguindo acompanhar o ritmo das atividades, e propor ajuda no desenvolvimento das tarefas e no estudo quando preciso.

É preciso propiciar que os jovens envolvidos no processo organizativo “Participem de atividades extraescolar”, como atividades esportivas, culturais e artísticas, elevando assim o nível cultural dos mesmos (uma outra preocupação de Makarenko). O coordenador deverá criar mecanismos que possibilitem o “Rompimento de hábitos negativos” por parte de alguns educandos dentro da organização, possibilitando a compreensão dos estudantes sobre a importância da organização, estas condições possibilitam que o educando como coordenador possa superar e administrar os conflitos da organização.

*Na produção, o chefe de destacamento deve considerar como seu objetivo básico o cumprimento do plano de produção e o desenvolvimento da iniciativa. Para resolver este problema, o chefe do destacamento deve preocupar-se por todas as esferas decisivas do trabalho como: a iniciativa no trabalho, a disciplina, o fornecimento de materiais, a luta contra a perda de tempo e as faltas no trabalho, a utilização de boas ferramentas, as boas instruções, a organização do local de trabalho, a existência de uniformes aceitáveis, as normas adequadas e uma documentação correta. (Makarenko apud Leudmann, 2002 p.288)*

Quanto ao coordenador, Makarenko aponta alguns aspectos sobre sua escolha, podendo ser nomeado por eleição, onde já se possui uma estrutura organizativa mais concreta e que os estudantes já estão envolvidos e compreendem suas funções e a importância da organização. Em casos em que o exercício da coordenação está iniciando é recomendável que se faça a designação, observando os estudantes que possam contribuir mais neste momento com o fortalecimento da coletividade, propiciando que se efetive a proposta.

É necessário que haja o rodízio na coordenação, onde os estudantes possam ser coordenadores e também coordenados, possibilitando a formação de um coletivo de coordenadores, contribuindo para que esta função não se concentre em apenas alguns.

#### **12.4- Associação de Estudantes como possibilidade de materialização da Auto-Organização**

Nos CEFFA's, o processo de auto-organização da vida de grupo se concretiza na associação de estudantes, um espaço de participação e organização dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento da promoção humana, e no contexto da Pedagogia da Alternância possibilita abranger vários aspectos da formação integral, caminhando além do conhecimento científico, o que é predominante na escola tradicional/convencional.

*O protagonismo ocorre através da auto-organização nas diversas atividades das instâncias da associação de estudantes, tanto no âmbito das comissões, como na coordenação das mesmas. Cada turma de estudantes para articular a sua participação a nível do coletivo da própria turma e no coletivo da associação promove sua auto-organização interna. (EPR da RACEFFAES, 2008, p.40).*

A associação de estudantes possibilita ainda a participação coletiva dos educandos, desta forma, os mesmos compreendem a importância da vivência em grupo para a superação dos problemas e desafios da organização, ou ainda propiciar que as tendências negativas possam ser refletidas e contornadas.

Segundo relatos de alguns monitores dos CEFFA's, a associação de estudantes nas escolas teve grandes mudanças ao longo da história. No início não se possuía um objetivo pedagógico em torno desta, as escolas criavam a associação como algo à parte, se avançando pouco na reflexão em torno do real sentido desta estrutura. Porém, nos CEFFA's de Vinhático (Montanha – ES) e no Bley (São Gabriel da Palha – ES), em articulação com os movimentos sociais e com a expansão e organização da RACEFFAES, estas escolas desenvolveram experiências de associação que contribuíram para uma teorização desta prática, objetivando a formação humana dos educandos. Vale ressaltar, que estas novas experiências romperam com a estrutura de presidencialismo (visão de hierarquia), construindo propostas que possibilitem a gestão compartilhada (visão horizontal), utilizando de comissões, coletivos ou núcleos de base.

De acordo com o Estatuto da Associação dos estudantes da Escola Família Agrícola de Ensino Médio e Educação Profissional de Jaguaré (AEEFAJ), em seu capítulo II, artigo 3 (2015), as finalidades da associação são assim descritas:

- a) *Promover uma vida de grupo organizada e agradável no ambiente, sobretudo na sessão, incentivando a cooperação e a solidariedade.*
- b) *Garantir a participação organizada na vida do CEFFA.*
- c) *Promover atividades culturais e esportivas com a participação comunitária para a preservação e divulgação cultural e como forma de angariar recursos para a AEEFAJ.*
- d) *Adquirir materiais didáticos e esportivos a preços facilitados ou gratuitamente.*

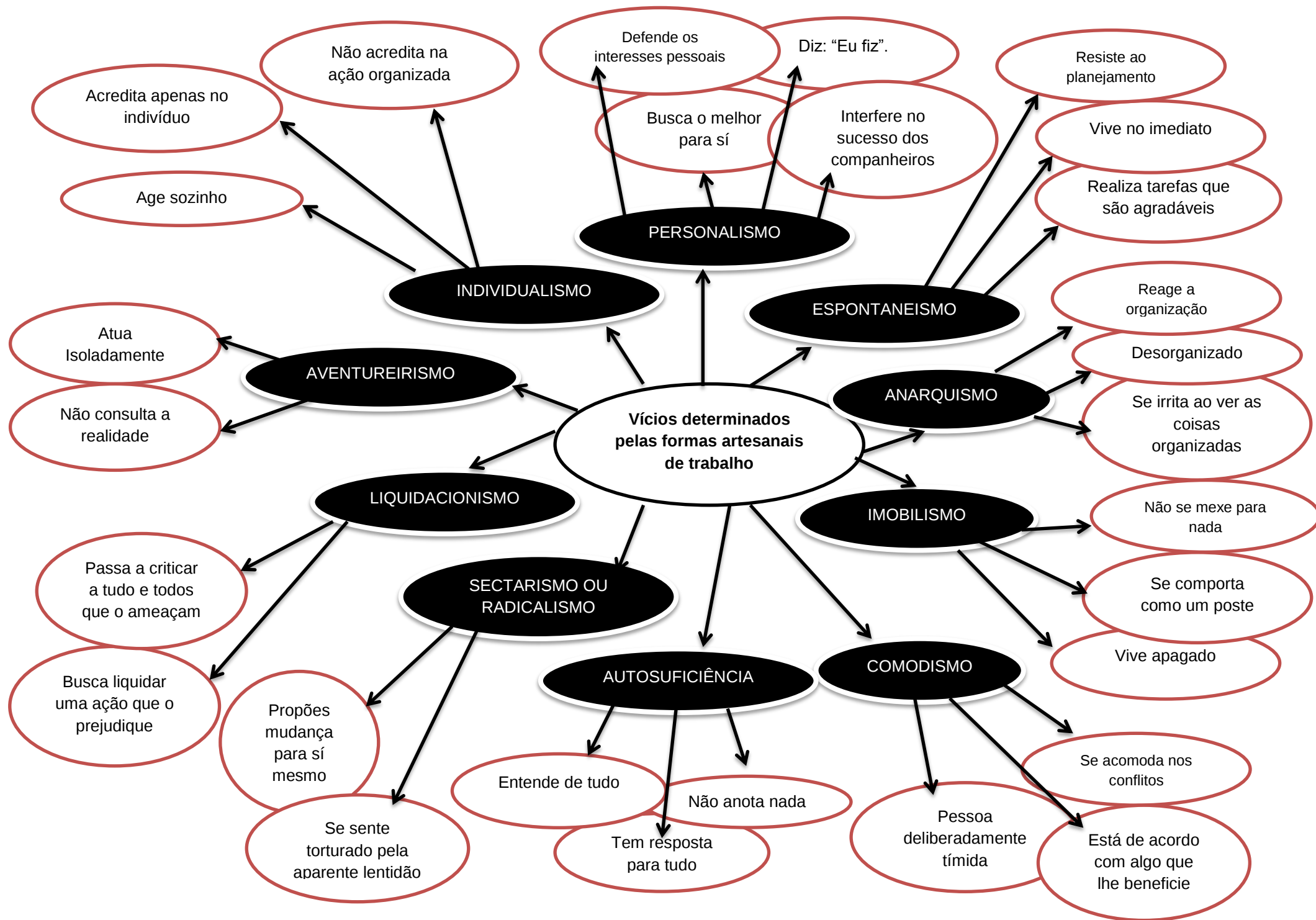
- e) *Participação no planejamento-organizado e economicamente no programa de encerramento, passeios e viagens de estudo.*
- f) *Divulgar o sistema do CEFFA e a AEEFAJ.*
- g) *Garantir a participação dos estudantes na gerência do CEFFA.*

A partir desta reflexão, percebemos que a função da associação vai além do executar as tarefas, mas possibilitar que os educandos se formem pedagogicamente ao participar, defendendo e entendendo o CEFFA como meio que desenvolve as diversas capacidades de cada estudante.

De acordo com Makarenko, a “Assembleia” é a estrutura/órgão capaz de direcionar as atividades da organização, nela são eleitos os seus representantes. Esta orientação é seguida nas escolas que adotam a associação de estudantes, em alguns CEFFA's, realizam-se assembleias gerais e fracionadas, além de propiciar o planejamento participativo e a avaliação das atividades. As assembleias são espaços organizados e conduzidos pelos estudantes (normalmente das séries finais), onde os mesmos debatem e encaminham temas de acordo com suas necessidades, alteram a estrutura da organização, do estatuto, as normas, realizam as prestações de conta sempre produzindo orientações sobre seu próprio trabalho e atuação na organização.

#### ***12.5- Os vícios na organização – Reflexão em torno da Obra de Clodomir Santos de Moraes***

No caderno de Formação nº11, titulado como Elementos sobre a Teoria da Organização no Campo, Clodomir Santos de Moraes aponta para os possíveis vícios que uma determinada organização pode apresentar, tanto no individual de cada sujeito como em todo coletivo. O autor parte do princípio que as organizações possuem inimigos, e estes podem se concretizarem nos vícios. Abaixo se encontra em forma de mapa conceitual os principais vícios apontados pelo autor, e uma breve descrição de cada um.



Diante dos diversos vícios que podem acontecer dentro da estrutura organizativa, são necessários meios para que os mesmos possam ser conduzidos de uma maneira saudável evitando grandes impactos na organização. Clodomir Santos de Moraes aponta que para a superação e ou prevenção destes vícios, a organização pode utilizar três métodos/mecanismos, a “Vigilância, a Crítica e a Reunião”.

A vigilância, trata-se de observar de forma que se identifique e reflita sobre os desafios e vícios, sendo um mecanismo de prevenção. Possui caráter de maior observação para se chegar à constatação, neste mecanismo deve-se preocupar com a liberdade que cada um possui, evitando que os problemas aumentem.

*A vigilância tem o objetivo de manter a unidade e a disciplina dos grupos. Entretanto, não é uma vigilância exercida de forma primitiva, desconfiando de todos como fazem os policiais. Isso cria uma atmosfera destrutiva. (Moraes, 1986, p.37).*

Outra possibilidade de superação dos vícios é com o auxílio da crítica, esta sempre pode ser utilizada, respeitando os momentos de realização da mesma (reuniões normalmente), possuindo objetivo de superação dos desafios e não com o propósito de “despejar sobre o outro” seus sentimentos e rancores.

*A crítica constitui um instrumento que permite capacitar às pessoas, harmonizar a ação das organizações, objetivando conseguir maior rendimento do trabalho e por estas razões deve ser estimulada e exercida com a frequência necessária. (Moraes, 1986, p.38).*

Por fim, o autor aponta um terceiro mecanismo, a reunião, esta deve ser organizada, além de ser a manifestação do coletivo. Nela devem ser deliberados assuntos pertinentes ao coletivo, além de traçar as principais atividades que serão realizadas. O responsável em conduzir a reunião deve estabelecer normas e horários para que a mesma aconteça, pois caso contrário, é na reunião que já se manifesta os vícios.

Com as reflexões deste capítulo podemos perceber a importância prática e teórica da auto-organização dos estudantes, sendo um espaço de formação para a vida, propiciando a formação humana em diversos aspectos. Outra questão que deve ser considerada é que a auto-organização não pode ser visualizada e praticada com a finalidade de substituição do papel do educador, mas sendo capaz de construir um novo conceito de escola, educadores e estudantes, sendo ambos em constante processo de formação, ou seja, inacabados.

### **13.0- A RESSIGNIFICAÇÃO TEÓRICA E PRÁTICA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE MARILÂNDIA**

Com as reflexões e embasamentos teóricos concebidos a partir da revisão de literatura, podemos então caminhar para a experiência que vem acontecendo no CEFFA de Marilândia, onde houve a fusão das correntes teóricas, as práticas que já eram utilizadas e as experiências de monitores e estudantes quanto ao método da auto-organização. Serão descritas a partir deste momento as atividades que foram e estão sendo realizadas no CEFFA de Marilândia, lembrando que as mesmas consistem num processo constante de aprimoramento, não sendo esta uma receita, mas a descrição de uma prática que por sua vez possui um conjunto de correntes teóricas que a sustentam.

#### ***13.1- Formação e explanação para a equipe de monitores***

Em janeiro de dois mil e dezesseis, a equipe de monitores do CEFFA construía seu planejamento anual, abordando as atividades que seriam realizadas durante o ano, a distribuição das funções e tarefas. Neste momento, foi apresentada à equipe a proposta de reestruturação da auto-organização dos estudantes, observando teoria e prática da Pedagogia da Alternância, os desafios enfrentados pela escola e a estruturação do Projeto de Pesquisa e Experimentação Pedagógica, desta forma, as ações estavam articuladas e visavam a transformação das ações da escola.

Houve-se a necessidade de uma breve teorização da auto-organização, seguida de uma problematização da atual situação/desafios que a escola possuía, gerando a possibilidade de incrementar novas ações que dessem condições de atuar na formação dos educando para além dos conteúdos além de contribuir para a administração de conflitos e na participação dos estudantes nas atividades da escola como protagonistas, auxiliando no planejamento, execução e avaliação das atividades.

Foi apresentado para a equipe a estrutura de comissões, além de relatos de experiências de escolas como em Jaguaré, Bley, Rio Bananal, dentre outras, com isso encaminhou-se de fundir as atividades de setor agropecuário, tarefas de manutenção, atividades de coordenação, funções e tarefas dos monitores, parte dos recursos financeiros e atividades de estudo e lazer dentro das comissões.

Em seguida a equipe de monitores construiu coletivamente as possíveis comissões e suas abrangências, lembrando que as mesmas só estariam prontas definitivamente após serem apreciadas pelos educandos. Outra preocupação e sugestão que a equipe colocou, foi quanto ao número de monitores em cada comissão, lembrando que algumas comissões haveria maior necessidade de monitores devido a sua abrangência.

Diante disso, foram construídas as comissões abaixo, com suas respectivas abrangências (que é composta por tarefas de manutenção – atividades desenvolvidas pelos estudantes no ambiente educativo todos os dias da semana; Tarefas agropecuária – atividades realizadas normalmente em grupo na propriedade da escola; Tarefas de Funções – Atividades específicas de cada comissão, sendo estas importantíssimas para a participação na gestão da escola), e necessidade em número de monitores.

| <b>Comissão: PENSIONATO</b> |                                                                                                                                                                 |                       |                                                                                                                                                                           |
|-----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Número de Monitores</b>  | <b>Abrangência/ Função</b>                                                                                                                                      |                       |                                                                                                                                                                           |
|                             | Setor Agropecuário                                                                                                                                              | Tarefas de Manutenção | Tarefas da Comissão                                                                                                                                                       |
| Três.                       | Ambiente Interno (Cozinha, Refeitório, Salas de Aula, Auditório, Varandas, Área de Chegada, Banheiros, Dormitórios, Sala de Monitor e Sala Reunião e Calçadas). | Louças do Almoço.     | Elaborar o Cardápio Semanal<br>Zelar pela Hospedagem a Escola<br>Organizar Alimentação para Visitas de Estudo<br>Agendamento de Dentista<br>Organizar a Caixa de remédios |

| <b>Comissão: Agropecuária</b> |                            |                                                    |                                                                                                                                       |
|-------------------------------|----------------------------|----------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Número de Monitores</b>    | <b>Abrangência/ Função</b> |                                                    |                                                                                                                                       |
|                               | Setor Agropecuário         | Tarefas de Manutenção                              | Tarefas da Comissão                                                                                                                   |
| Dois                          | Hidroponia e Horta         | Louças do Lanche da Manhã<br>Corredores e Varandas | Planejar e Orientar as atividades do Setor agropecuário na EFA<br>Acompanhar as normas de transporte escolar e as situações problemas |

| <b>Comissão: Esporte e Lazer</b> |                                                           |                                                         |                                                                                                             |
|----------------------------------|-----------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Número de Monitores</b>       | <b>Abrangência/ Função</b>                                |                                                         |                                                                                                             |
|                                  | Setor Agropecuário                                        | Tarefas de Manutenção                                   | Tarefas da Comissão                                                                                         |
| Um monitor mais educação física  | Campo<br>Quadra de Vôlei<br>Quadra de Areia<br>Chegada da | Mesas<br>Limpar Balcão<br>Buscar Jornal<br>Pano de Chão | Organizar as atividades esportivas.<br>Coordenar o JEFFA<br>Fazer a distribuição de materiais e locais para |

|  |        |                       |                                                                                       |
|--|--------|-----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
|  | Escola | e Material de Limpeza | as atividades esportivos;<br>Fazer a compra de materiais esportivos quando necessário |
|--|--------|-----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|

| Comissão: INFRAESTRUTURA E FINANÇAS |                                    |                           |                                                                                                                                |
|-------------------------------------|------------------------------------|---------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Número de Monitores                 | Abrangência/ Função                |                           |                                                                                                                                |
|                                     | Setor Agropecuário                 | Tarefas de Manutenção     | Tarefas da Comissão                                                                                                            |
| Um monitor                          | Consertos e Reparos Fruticultura I | Garçom de Venda de Picolé | Observar as necessidades de Reparos na Escola<br>Fazer a Compra e venda de picolé<br>Fazer o Controle Financeiro da Associação |

| Comissão: CULTURA E MÍSTICA |                                                           |                                                      |                                                                                                                                                                                         |
|-----------------------------|-----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Número de Monitores         | Abrangência/ Função                                       |                                                      |                                                                                                                                                                                         |
|                             | Setor Agropecuário                                        | Tarefas de Manutenção                                | Tarefas da Comissão                                                                                                                                                                     |
| Dois monitores              | Pátio Interno<br>Jardinagem<br>Viveiro<br>Lixo Inorgânico | Refeitório da Tarde<br>Lixo dos Latões do Refeitório | Realizar as Mística e atividades comemorativas;<br>Coordenar a ida ao Cinema (dia do estudante)<br>Preparar Murais<br>Trazer as características rurais para a escola<br>Coordenar o Som |

| Comissão: DISCIPLINA E TAREFA |                                   |                                                              |                                                                                                                                      |
|-------------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Número de Monitores           | Abrangência/ Função               |                                                              |                                                                                                                                      |
|                               | Setor Agropecuário                | Tarefas de Manutenção                                        | Tarefas da Comissão                                                                                                                  |
| Um monitor                    | Paioi<br>Área ao redor do Viveiro | Coordenação de Sessão Refeitório do Lanche da Manhã e Almoço | Observar o cumprimento das normas de vida de grupo;<br>Organizar os Coordenadores de Sala<br>Fazer a divisão das mesas do refeitório |

|  |  |  |                                      |
|--|--|--|--------------------------------------|
|  |  |  | Organizar os rodízios das comissões; |
|--|--|--|--------------------------------------|

| <b>Comissão: ESTUDO</b>    |                                                 |                            |                                                                                                                                                                                                  |
|----------------------------|-------------------------------------------------|----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Número de Monitores</b> | <b>Abrangência/ Função</b>                      |                            |                                                                                                                                                                                                  |
|                            | Setor Agropecuário                              | Tarefas de Manutenção      | Tarefas da Comissão                                                                                                                                                                              |
| Um monitor                 | Compostagem<br>Área Diversificada<br>Biblioteca | Salas de Aula<br>Auditório | Organizar os espaços de estudo (trabalho de grupo);<br>Garantir a Organização dos Livros, mesas e cadeiras nas salas;<br>Controle na Devolução dos Livros;<br>Organizar as Normas da Biblioteca; |

| <b>Comissão: INFORMÁTICA E AUDIO-VISUAIS</b> |                                               |                                        |                                                                                                                                                                                                |
|----------------------------------------------|-----------------------------------------------|----------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Número de Monitores</b>                   | <b>Abrangência/ Função</b>                    |                                        |                                                                                                                                                                                                |
|                                              | Setor Agropecuário                            | Tarefas de Manutenção                  | Tarefas da Comissão                                                                                                                                                                            |
| Um monitor                                   | Fruticultura II<br>Laboratório de Informática | Garagem/Chegada<br>Sala de Informática | Organizar e garantir o funcionamento da sala de informática e auditório;<br>Observar quanto à lâmpadas e ventiladores ligados;<br>Organizar as normas do Laboratório de Informática e Química; |

Quanto às comissões, as mesmas deverão possuir estudantes de todas as séries de cada sessão, onde o(s) estudante(s) da série maior serão os coordenadores da mesma, sendo que todos os coordenadores farão parte da Comissão Ampliada, que possui como atribuições: Garantir da gestão das tarefas e funções dos educandos durante a sessão; Ser um meio de diálogo entre os estudantes da sessão e junto ao Conselho de Coletividade; Ser um espaço político e de formação humana através da coordenação por parte dos estudantes; Acompanhar os trabalhos do Conselho de Coletividade; Zelar pelo bom andamento das Atividades da Escola e da Associação; Eleger o Secretário, Articulador, Tesoureiro e Acompanhante de Plano de Ação.

Podemos identificar, portanto que ainda existe outra estrutura, o Conselho de Coletividade, este por sua vez é composto por um articulador de cada sessão (que possui atribuições de convocar e coordenar as reuniões), um secretário de cada sessão (que é responsável de fazer o registro das reuniões, atas, documentos e correspondências), um Tesoureiro de cada sessão (responsável pelo controle contábil dos estudantes e pela prestação de contas) e por um Acompanhante de Plano de Ação em cada sessão (que deve acompanhar, verificar e potencializar o andamento das ações planejadas pela associação de estudantes).

O conselho de Coletividade se reunirá periodicamente durante o ano, sendo as reuniões conduzidas pelos articuladores em comunhão com o monitor acompanhante da associação de estudantes. Este conselho é o coordenador das atividades da associação, devendo respeitar as demandas apresentadas pela assembleia.

### ***13.2- Formação, Início e Condução das Atividades com os Estudantes***

Após a equipe de monitores ter planejado e proposto algumas questões quanto a auto-organização dos estudantes, na primeira semana de aula de ambas as sessões, foi realizada atividades de formações e orientações aos estudantes das propostas para o ano quanto a organização dos mesmos.

Em cada sessão foi seguido às atividades da seguinte forma. Primeiramente foi conduzido aos estudantes do ensino médio e curso técnico em agropecuária uma breve formação sobre com o tema “Auto-Organização dos Estudantes e Exercício do Protagonismo e Coordenação”(slides utilizados em anexo), realizando primeiramente com os mesmos um breve diagnóstico da organização e participação dos mesmos nas atividades da escola, em seguida os estudantes assistiram o vídeo “Assembleia na Carpintaria”, onde trata-se de uma reflexão em torno da importância de todos participarem das atividades, em vista que toda a escola caminhasse. Ao final do vídeo, e dos debates por ele produzido, realizou-se uma conversa em torno de alguns conceitos e aplicação da coordenação e da auto-organização, e qual a contribuição desta para o fortalecimento da formação integral dos jovens. Em seguida foi submetido aos educandos a proposta de que a equipe planejou, a mesma foi explanada ao máximo, avaliada e realizada as possíveis alterações. Ao final do momento, os estudantes se dividiram nas comissões de acordo com obedecendo as questões de gênero e afinidade de cada educando.

Durante a sessão, foi realizada uma atividade conjunta com todos os estudantes, neste momento foram retomados alguns conceitos da auto-organização, porém, de forma mais objetiva, em seguida os estudantes do ensino fundamental se dividiram nas comissões (utilizando o método do sorteio, mas respeitando o gênero), posteriormente os estudantes se reuniram

nas comissões para conhecer a pasta de registro de cada uma e fazer a leitura das normas de convivência na vida de grupo do CEFFA.

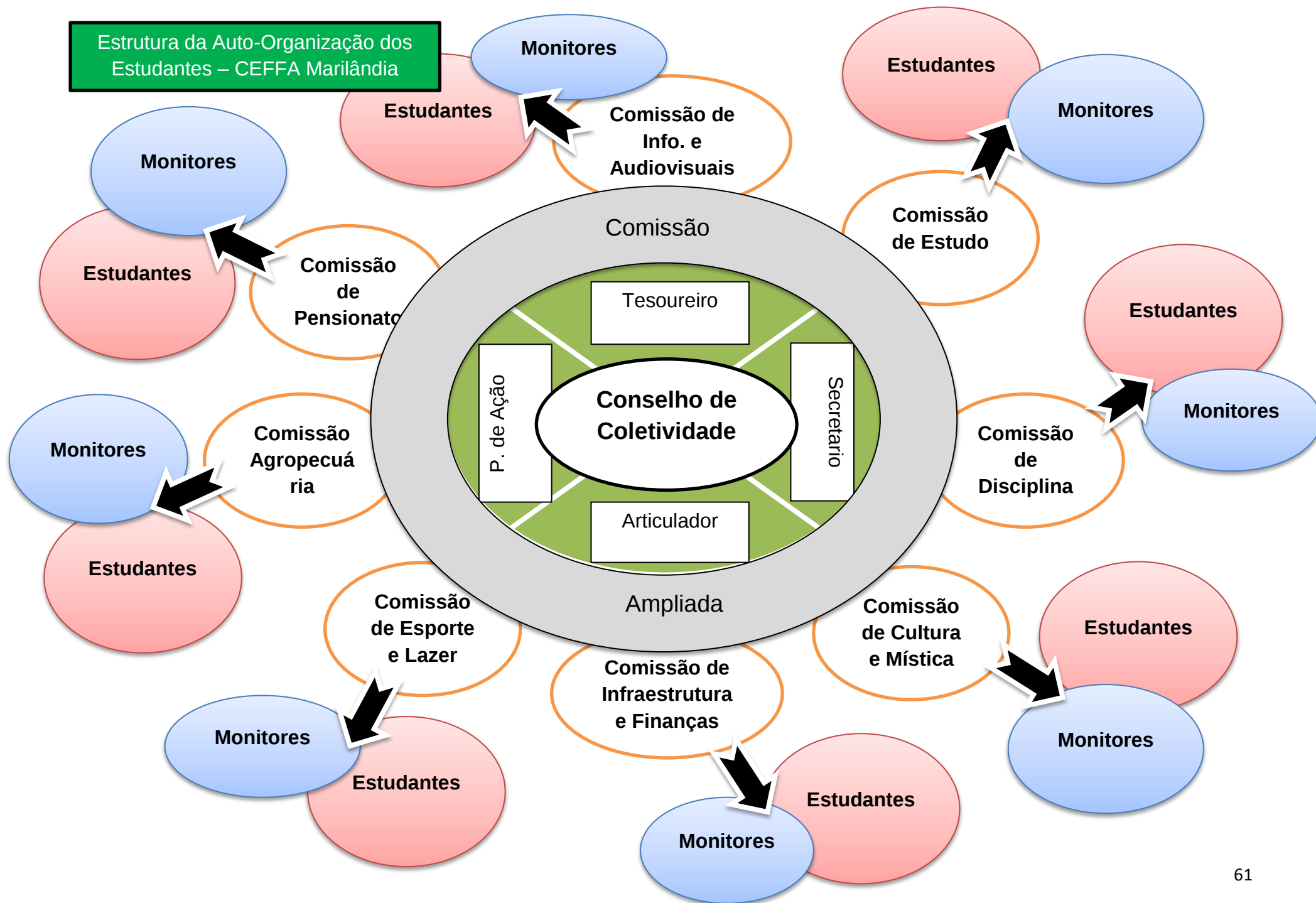
Cada comissão se reúne todo início de cada sessão, sendo após a colocação em comum da estadia e os encaminhamentos da sessão, sendo no horário de 08:00 às 09:10 horas, onde as mesmas realizam o planejamento da sessão, registrando em suas respectivas pastas. O planejamento de cada comissão obedece a uma tabela padrão, estando em anexo uma cópia de planejamento de uma comissão.

| PLANEJAMENTO SEMANAL |                          |                          |
|----------------------|--------------------------|--------------------------|
| Comissão:            | Série:                   | Sessão:                  |
| Atividades de Função | Atividades de Manutenção | Atividades Agropecuárias |
|                      |                          |                          |

Quanto à Comissão Ampliada, em reunião do conselho de Coletividade, ficou acordado que as reuniões ocorrerão no horário de 13:40 às 14:00 horas no primeiro dia de cada sessão, onde serão socializado os planejamentos de cada comissão, as necessidades, desafios além de algumas informações que da equipe de monitores ou do conselho de Coletividade. Esta reunião é conduzida pelo articulador e registrada em caderno específico pelo secretário.

Outro aspecto importante que foi apresentado por Pistrak, está em relação ao rodízio nas funções pelos estudantes, desta forma, em reunião nos conselhos de coletividade ficou acordado que os estudantes do ensino fundamental e da 1ª e 2ª série do ensino médio farão rodízio nas comissões a cada três sessões, quanto aos estudantes da 3ª e 4ª série farão rodízio a cada seis sessões, exceto o coordenador da comissão de Infraestrutura e Finanças (que é também o Tesoureiro), pois esta função devido a relevância desta função o estudante coordenador desta comissão fica portanto sem fazer o rodízio.

**Estrutura da Auto-Organização dos  
Estudantes – CEFFA Marilândia**



### 13.3- Plano de Estudo – P.E.

A pedagogia da alternância possui quatro princípios: Filosófico, Político, Pedagógico e Metodológico. Este último princípio é possibilitado com o método do plano de estudo, um meio dialético de questionar e transformar a realidade, levantando as informações necessárias, refletindo e propondo alternativas para a superação dos desafios. O P.E. está articulado com o método científico e ao método popular Ver, Julgar e Agir. Segundo Telau (2012), reflete com profundidade sobre o P.E.

*O Plano de Estudo representa o cerne do movimento, pois ele é a sistematização da fórmula da alternância em todas as suas partes. Desde as primeiras experiências, o ritmo e a intencionalidade permitiram uma metodologia de integração indissociável e dialética entre o fazer e o pensar. Dessa forma, mesmo antes de se oficializar como uma metodologia pedagógica, os CEFFA's se articulavam em vista de partir da realidade dos estudantes, problematiza-la, refletir para entendê-la e projetar uma nova realidade. (Telau, 2012, p.31).*

A estrutura do roteiro envolve: Motivação, Hipótese, Abrangência, Pontos de Observação, Questões de Fato Concreto (levantamento da realidade), Questões de análise, de comparação, de reflexão e ideia geral. Nesta pesquisa o PE aconteceu após grande parte dos momentos práticos acontecerem, isto possibilitou um olhar após, na nova realidade, pois a mesma antes projetada agora é concreta, devendo-se partir da mesma para uma nova projeção.

#### 13.3.1- Roteiro do P.E

##### TEMA– A Auto-Organização Fortalecendo o Protagonismo e Participação dos Estudantes no CEFFA de Marilândia

Sabemos que o processo de organização é de grande importância para garantir de povos de diferentes territórios possam buscar e obter diversos direitos, alcançando ainda uma necessidade humana que é a relação social. Nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA's), a organização dos estudantes se estabelece pela auto-organização, um processo que garante participação na gerência da escola por parte dos estudantes.

Porém, percebe-se que no CEFFA de Marilândia, situações como os vícios artesanais de trabalho contribuíram para que a auto-organização apresentasse

algumas dificuldades e desafios. Vamos através de este plano de estudo conhecer e aprofundar o processo de auto-organização, vida de grupo e associação de estudantes.

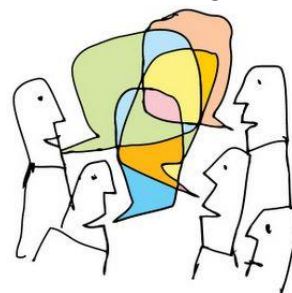


✓ Abrangência

Pesquisar estudantes de séries diferentes e com dois monitores do CEFFA.

✓ Questionário

1. Como acontece o processo de organização dos estudantes nas atividades do CEFFA de Marilândia?
2. Em quais momentos os estudantes participam das atividades realizadas pela escola? Todas as séries/ano com a mesma intensidade?
3. Quais são os espaços de realização da coordenação pelos estudantes? Como você avalia estes momentos?
4. Quais são as dificuldades encontradas no processo de auto-organização dos estudantes no CEFFA? Por quê?
5. Quais as dificuldades enfrentadas pelos estudantes no exercício da coordenação das atividades? Por quê?
6. Quais as vantagens do processo de auto-organização dos estudantes?
7. Quais mudanças você percebeu que foram acontecendo quanto à auto-organização dos estudantes desde quando chegou aqui?
8. Você percebe alguma diferença quanto à organização e atuação das turmas nas diferentes séries/ano?
9. Quais são suas perspectivas quanto à auto-organização dos estudantes na escola?
10. Quais são suas sugestões para um melhor desenvolvimento da auto-organização/atuação/coordenação dos estudantes no CEFFA



### 13.3.2- Síntese do Plano de Estudo

A participação dos estudantes no CEFFA de Marilândia, a partir de 2016 está acontecendo através das comissões, onde os estudantes participam no planejamento e na execução das atividades. Os mesmos possuem autonomia para dividirem as tarefas de manutenção, as tarefas da atividade prática, pois cada comissão possui suas respectivas funções e abrangências. Para facilitar e conduzir as atividades, cada comissão possui um coordenador, sendo este sempre das séries mais avançadas (3ª e 4ª série).

Os estudantes participam constantemente das atividades realizadas pela escola, sendo mais marcante na atividade prática, nas tarefas, nas salas de aula, nas comissões, na associação de estudantes (que está sendo criada), durante a sessão, dentre outros espaços em que ocorre a participação das turmas de forma integrada. Todas as séries realizam suas tarefas, não havendo privilégios para alguns. Uma diferença que ocorre é quanto a coordenação, pois a mesma é exercida pelo ensino médio, de forma que

contribui para sua formação profissional, possibilitando maior responsabilidade dos mesmos.

A coordenação dos estudantes se materializa em diferentes espaços, sendo alguns deles: Ambiente recreativo, momentos de estudo, unidade produtiva da escola, ambiente educativos. Segundo os entrevistados a atuação com a coordenação possibilita maior responsabilidade, compromisso, dedicação, porém ocorre a presença de conflitos com os estudantes do ensino fundamental devido à maturidade dos mesmos. Uma monitora disse que o ensino fundamental que hoje está na escola será melhor na coordenação, pois irão conhecer e conviver melhor com a proposta de auto-organização.

Quanto às dificuldades enfrentadas pelos estudantes no processo de auto-organização, uma monitora relatou que é a resistência pela equipe de monitores em acreditar na capacidade dos educandos, interferindo assim na sua autonomia. Os estudantes relataram dificuldades quanto a própria coordenação em si, além da estrutura histórica praticada pela escola (paternalismo).

Em relação as dificuldades enfrentadas pelos estudantes no exercício da coordenação, os mesmos relataram a falta de “moral” por parte de alguns colegas com alguns estudantes das séries menores, segundo eles este processo é causado devido ao fato que o ensino fundamental em alguns momentos não os enxerga como coordenadores, e o ensino médio deve se empenhar para se tornarem espelhos neste processo. Segundo a monitora entrevistada, a dificuldade encontrada está relacionada com a falta de saber prévio pelos educando pela coordenação, pois os mesmos estão necessitando aprender com a prática. Outro motivo ainda se apoia no fato da imaturidade do ensino fundamental, que muitas vezes não compreende o fato de ser coordenado.

Quanto às vantagens proporcionadas pela auto-organização, estudantes e monitores relataram que esta proposta proporciona distribuição das funções, possibilidade de trabalhar em grupo, desenvolvimento da maturidade, participação dos estudantes, visualização dos problemas e desafios da escola, possibilidade de opinar pelos educandos, desenvolvimento e organização da escola, integração e interação de estudantes com os monitores, em fim, a escola está ficando com outra “cara”.

Foi questionado ainda aos estudantes e monitores sobre as principais mudanças que ocorreram na auto-organização da escola, os mesmos relataram: Melhor organização do refeitório (extinção das filas), reorganização das salas, melhor alimentação (com o cardápio e sugestões dos estudantes), organização das tarefas e da atividade prática (menos tumulto e autoritarismo), criação das comissões, envolvimento dos estudantes do planejamento a

execução (antes era só execução e no intuito de “braçal”), criação dos coordenadores de mesa, sessão e dormitório.

Os entrevistados destacaram que ocorre diferença quanto à organização dos estudantes e atuação das turmas, pois se necessita de maior maturidade e responsabilidade quanto ao ensino médio (pois exercem a coordenação), contribuindo para a formação dos coordenadores e coordenados.

Em relação às perspectivas quanto a auto-organização dos estudantes na escola, estudantes e monitores destacaram que a tendência é só melhorar, colocando em prática o planejamento, incentivando a participação dos estudantes, e possibilitando a formação interna da equipe. Foi colocado pelos estudantes ainda que a auto-organização possibilitará o desenvolvimento e conscientização, capacitação e melhor organização da escola e dos estudantes.

Por fim, as sugestões apresentadas pelos entrevistados para um melhor desenvolvimento da auto-organização/atuação/coordenação dos estudantes do CEFFA são: Melhorar a aceitação da equipe, incentivo a autonomia dos estudantes, dialogar e conversar com os estudantes iniciantes, buscar novas experiências e ideias.

#### **13.4- Visita ao CEFFA de Rio Bananal**

Outro momento importante na formação dos estudantes, e na reestruturação da auto-organização na escola, foi a visita realizada com os estudantes da coordenação das turmas da 3ª e 4ª série, acompanhando de mim enquanto monitor aos estudantes e monitores do CEFFA de Rio Bananal.

A visita possuía como objetivo conhecer a proposta e a prática de auto-organização da escola de Rio Bananal, visto que a mesma já possui uma maior experiência com esta prática, o que por sua vez poderia dar maior visibilidade ao que se projetava para o CEFFA de Marilândia, criando um espaço de diálogo entre estudantes e monitores de escolas diferentes. Fomos recebidos pelos estudantes da coordenação da associação de estudantes, junto com a monitora que acompanha os mesmos.

Durante a visita, foram esplanados temas como a importância da organização, um pouco de sua história, a estrutura de cada escola, os desafios, as conquistas e projetos de cada uma, dando condições para que os estudantes de Marilândia se inteirassem pela proposta de forma mais consistente, ou seja, à medida que os estudantes dialogavam, fortalecia a necessidade de mudanças na escola de Marilândia.

Ao final, os estudantes conheceram a escola, seus espaços e locais de atuação da auto-organização, e neste momento foi possível identificar o empoderamento e sentimento de pertença por parte dos estudantes em relação

a escola, onde os memos constantemente afirmavam não imaginar a escola sem a auto-organização, pois a mesma os forma para além das ciências, e sim para a vida. A visita foi avaliada como positiva e fundamental para o início das atividades na escola, pois sempre procurava-se relacionar a experiência de uma escola com a outra, e assim dado energia à proposta.

#### **14.0- RELATOS AVALIATIVOS DE ALGUNS ESTUDANTES COM A EXPERIÊNCIA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO**

##### ***14.1- Depoimento de um estudante da 2ª série – 30 de maio de 2016***

**Monitor:** O que você está achando desta experiência deste ano?

**Estudante:** *Eu acho uma experiência boa, não só para a escola, mas para os alunos se comunicarem melhor, é uma dinâmica legal, que dá para levar para a vida, como forma de organização, pessoal ou algo assim.*

**Monitor:** Qual a mudança que você achou que ficou mais forte?

**Estudante:** *Eu estudo aqui a seis anos, , o que mais mudou de ano passado para cá foi este “negócio” das comissões, que até ajuda um pouco, pois dá menos trabalho para os professores, creio eu, pois antigamente era uma professora que separava as tarefas e mesas, hoje já é mais diferente, nas comissões cada um já pode falar o que pode fazer, ele tem mais “obrigação”.*

**Monitor:** Então você acha que as coisas estão mais divididas?

**Estudante:** *Sim está mais dividida, creio que está mais fácil a organização.*

**Monitor:** Você acha que os estudantes, na sua opinião como estão avaliando isso?

**Estudante:** *Em todas escolas sempre existe aquele que não gosta, mas existe sim aqueles que gostam. Eu relativamente eu gosto, não tenho menor problema com isso.*

**Monitor:** Você tem alguma sugestão para melhorar ainda mais?

**Estudante:** *Agora neste momento não tenho não.*

**Monitor:** E você gostou?

**Estudante:** *Sim estou gostando, por minha parte pode continuar e ir só melhorando.*

##### ***14.2- Depoimento de uma estudante do 8º ano – 30 de maio de 2016***

**Monitor:** O que você está achando desta experiência deste ano através das comissões?

**Estudante:** *Eu estou achando interessante pois tem mais organização nas sessões, agente consegue organizar mais os grupos e as tarefas. Cada um segue melhor suas tarefas, Há mais organização., vejo uma vantagem nisso, há mais organização.*

**Monitor:** Você Está Gostando?

**Estudante:** *Estou.*

**Monitor:** Por quê?

**Estudante:** *Por que divide as tarefas certinho, cada um faz a sua, e cada uma escolhe seu tipo de tarefa, a que você prefere.*

**Monitor:** Então além de você estar participando, você tem mais liberdade de opinar.

**Estudante:** *É.*

**Monitor:** Você acha que seus colegas estão gostando?

**Estudante:** *Eu acho que todo mundo está gostando, está melhor que ano passado.*

**Monitor:** Porque?

**Estudante:** *Pois ano passado muitas pessoas não seguiam as regras, e agora que está todo mundo em grupo todo mundo faz. Eles colocam as pessoas para fazerem juntas, aí é melhor, melhor pois consegue se interagir.*

**Monitor:** Você acha que tem alguma dificuldade? Alguma coisa que não está bom?

**Estudante:** *Não.*

**Monitor:** Você gostaria de sugerir algo para melhorar?

**Estudante:** *Não. Não tenho nada a questionar.*

**Monitor:** Você acha que pode te ajudar em outro lugar fora da escola?

**Estudante:** *Sim, devido a organização, para tudo que tem que se fazer tem que ter organização, ajuda muito num emprego, por que a pessoa tem que ser organizada em tudo, ajuda muito.*

**Monitor:** Você acha que a convivência entre os colegas ficou mais fácil?

**Estudante:** *Ficou mais fácil. Você lidar com todo mundo. Todo mundo conversa entre si. Bem mais fácil*

#### **14.3- Depoimento de uma estudante da 3ª série – 30 de maio de 2016**

**Monitor:** O que você está achando desta experiência da auto-organização em comissões?

**Estudante:** *Eu estou achando bom por que tem a participação dos estudantes, na organização, está mais organizado, pois na segunda mesmo agente vai na área de atividade prática, vê o que tem para fazer e já divide as tarefas, e na sexta cada um já sabe o que vai fazer, não ficando estudantes perdidos ou “morcegando”.*

**Monitor:** Qual a principal mudança que você percebeu, que está mais visível?

**Estudante:** *Os estudantes das séries mais avançadas na coordenação, podendo ajudar na coordenação, por que antes era tudo o professor. E a mudança maior foi isso ai, agente poder ajudar na coordenação.*

**Monitor:** Você acha isso bom?

**Estudante:** *Eu acho.*

**Monitor:** Por que?

**Estudante:** *Apesar de alguns meninos acharem que não precisa respeitar por que é aluno, mas eu acho bom pra gente. Por que agente foi coordenado até hoje e agora agente tá botando em prática o que fomos aprendendo nestes anos né! O que vai ser bom pra gente lá na frente também.*

**Monitor:** Você acha que esta experiência aqui na escola vai te ajudar em alguma coisa fora da escola?

**Estudante:** *Com certeza.*

**Monitor:** Em que, por exemplo?

**Estudante:** *Quando eu precisar coordenar e também precisar ser coordenada, aprender aceitar a opinião dos outros, ouvir o que os outros têm pra falar, e viver em grupo também, por aqui agente houve o outro, fala pro outro como é que é.*

**Monitor:** Você acha que a convivência em grupo facilita?

**Estudante:** *Sim. Com certeza!*

**Monitor:** Qual o principal desafio que está tendo?

**Estudante:** *Pra mim, como sou coordenadora, é a aceitação dos outros alunos de aceitar nós como alunos ser coordenadores, como semana passada no trabalho prático eu falei com os meninos que estavam do outro lado do campo, e eles estavam parados, ai eu falei o “fulano”, vamos né? Ai ele achou ruim comigo, e começou a discutir comigo. Mas ai depois eu conversei com ele, eu disse: Eu não falei com você querendo mandar, falei por que depois eles vão querer cobrar de mim, e como eu sou coordenadora do grupo, e a monitora não estava, eu me senti na obrigação de falar com eles.*

**Monitor:** Você se sente mais valorizada como o estudante? A sua capacidade está sendo mais aproveitada?

**Estudante:** *Eu acho que sim, por que antes agente não tinha esta “coisa” dos alunos das séries mais avançadas poder ajudar na coordenação, e agente como aluno agente vê como funciona realmente. Por que até o ano passado agente era coordenado, e agora agente está podendo ajudar na coordenação, e mudar o que os coordenadores faziam que agente não achava legal, e fazendo diferente.*

**Monitor:** Qual sugestão você daria para melhorar?

**Estudante:** *Talvez, mostrar para eles (ensino fundamental), que agente não está para mandar, que agente não quer mostrar que somos superiores a eles, mas mostrar que agente está ali para poder ajudar na coordenação, ajudar os professores.*

**Monitor:** Você acha que nesta ajuda, você ajuda a você mesma?

**Estudante:** *Ajuda. Lá na frente, quando eu precisar de coordenar algum grupo, vai me ajudar.*

**Monitor:** Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer? Alguma Conclusão?

**Estudante:** *Olha eu achei que melhorou, como eu falei, na organização, principalmente das atividades práticas, nas tarefas também, pois tinha menino que ficava semanas sem fazer tarefa, e agora não, cada comissão tem a sua tarefa, e faz o rodízio dentro da comissão mesmo. Agente ficou mais organizado! E eu achei que está bom, está aprovado. No início foi um pouco difícil pra gente se adaptar mas agora “ta legal”.*

#### **14.4- Depoimento de uma estudante da 4ª série – 31 de maio de 2016**

**Monitor:** O que mais te marcou nesta mudança para as comissões?

**Estudante:** *O que ficou mais marcante, não só para mim, mas todo mundo pode observar foi a organização, também os estudantes sabem as tarefas que vão fazer, não precisa ficar chamando atenção. Isso foi uma mudança que eu percebi. Em relação a nós do 4º ano agente criou uma responsabilidade. Primeiro que agente fazia por fazer, agora não, agente tem as nossas responsabilidades e ainda chamar as pessoas da nossa comissão.*

**Monitor:** Qual a aprendizagem você tem com esta experiência? O que fica como aprendizagem para você?

**Estudante:** *Minha organização! Tanto em casa como também na escola, eu soube dividir mais as minhas tarefas. Em casa por exemplo, eu sabia que tinha um monte coisa para fazer, mas eu nunca fazia na hora certa, eu ia fazendo quando eu lembrava, agora eu coloco numa agenda e vou fazendo, no decorrer da semana eu já divido as tarefas.*

**Monitor:** Então você usa a prática do planejamento em casa também?

**Estudante:** *Sim.*

**Monitor:** Então você acha que a experiência da auto-organização dos estudantes, através das comissões, esta propostas que estamos fazendo, pode te ajudar além da escola?

**Estudante:** *Com certeza! Por que organização é tudo pra gente né, sem a organização agente fica sem saber o que fazer.*

**Monitor:** E o seu lado profissional? Irá auxiliar?

**Estudante:** *Eu vou ter responsabilidade fora. E eu vou ter que cumprir com elas de acordo com a minha organização.*

**Monitor:** Que desafio você acha que estamos tendo com a estrutura em comissão?

**Estudante:** *Não consigo ver um desafio.*

**Monitor:** Qual o lado positivo?

**Estudante:** *Foi à responsabilidade que as pessoas das séries menores também tiveram com as tarefas deles. Que não precisa dos coordenadores de sessão ficar chamando, pois agora agente já divide as tarefas desde a segunda-feira, todos já sabem o que tem que fazer “certinho”.*

**Monitor:** Qual a sugestão você daria para melhorar mais?

**Estudante:** *Quando os coordenadores de sessão já sabem quais as tarefas tem que fazer, mas não vão observar se elas estão sendo bem feitas.*

**Monitor:** E assim, você teria alguma fala, uma avaliação, de como está sendo para você esta nova experiência?

**Estudante:** *Vou falar de novo a parte da organização. Pois se agente começar a se organizar de agora para frente, com certeza no futuro agente vai saber dividir seu tempo. E esta experiência está proporcionando isso.*

### 15.0- AVALIAÇÃO DA AUTO-ORGANIZAÇÃO DOS ESTUDANTES 2016

**Objetivos:** - Avaliar e apresentar os avanços e desafios na auto-organização dos estudantes da EFAM; -Possibilitar novas mudanças a partir da organização dos estudantes;

#### SÍNTESE GERAL – 6º, 7º, 1ª E 3ª SÉRIE

| ASPECTO                          | AVANÇOS                                                                                                                                                                       | DESAFIOS                                                                                                                                                                          | RESPONSÁVEIS/ CAUSADORES                                                                                             | PROPOSTAS DE MUDANÇA                                                                                                                                                                                                                               |
|----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Estrutura das Comissões</b>   | Melhorou a organização das tarefas e dos estudantes; Normal; Diálogo; Estudantes participam da organização; Estudantes passaram a exercer a auto-organização e a coordenação; | Organização; Poucas pessoas nas comissões; Tarefas repetitivas; Pouca presença do monitor (Finanças); Organização dos grupos; Ensino Fundamental (6º e 7º) aceitar a coordenação; | Ensino Fundamental (6º e 7º); Monitor XXXX;                                                                          | Melhorar o Comportamento; Retomar os locais de encontro das reuniões das comissões; Relatar aos estudantes a importância da coordenação; Fazer Orientação; Cumprimento dos estudantes com as reuniões de 2ª feira; Ter mais pessoas nas comissões; |
| <b>Coordenadores de Comissão</b> | Melhorou bastante a coordenação; Estudantes ajudam na coordenação; Exercício da Coordenação; Integração com as turmas;                                                        | Orientar os estudantes do ensino Fundamental (6º e 7º) quanto a coordenação; Manter a organização nas reuniões; Coordenadores Prestativos.                                        | Ensino Fundamental (6º e 7º);                                                                                        | Reorientar sobre a importância das reuniões e da coordenação;                                                                                                                                                                                      |
| <b>Tarefas</b>                   | Ficou mais organizado; Folga nas tarefas; Todos participam; Mais compromisso; Melhor distribuídas;                                                                            | Realização das Tarefas por alguns estudantes; Resistência de alguns estudantes; Falta de Habilidade na realização das tarefas; Frezzer desligado e houve perda de picolé;         | Estudantes da 1ª série e Ensino Fundamental; Entendimento pelos estudantes das tarefas de manutenção e agropecuária; | Pontualidade no horário das tarefas; Refazer as orientações; Orientar como se faz cada tarefa;                                                                                                                                                     |

|                            |                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                        |                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Atividades Práticas</b> | Ficou mais organizada; Todos realizam as atividades propostas; Melhor divisão dos estudantes; Estudante por mais tempo numa área proporciona aprender mais sobre a mesma; Melhor coordenação; Avanços para a escola; | Alguns estudantes “morcegando”; Estudantes não aceitam a coordenação; Alguns pontos precisam melhorar; | -----                                                             | Orientar sobre a importância da atividade prática na escola; Incentivar o zelo pelas ferramentas; Planejar a atividade prática com antecedência e não em cima da hora; Pontualidade; Colocar as meninas para trabalhar também lá fora e não só direcionar as mesmas para dentro (Informática); |
| <b>Coordenação</b>         | -----                                                                                                                                                                                                                | Manter a organização, ajudar e respeito ao coordenador;                                                | Estudantes do ensino fundamental possuem dificuldade de entender; | Nova Orientação;                                                                                                                                                                                                                                                                               |

### SÍNTESE GERAL 8º, 8ª, 2ª E 4ª série

| ASPECTO                        | AVANÇOS                                                                                                                                   | DESAFIOS                                                                                                                                                                                   | RESPONSÁVEIS/ CAUSADORES | PROPOSTAS DE MUDANÇA                                                                                                                                                                                   |
|--------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Estrutura das Comissões</b> | Teve mais organização; Respeito ao ambiente de estudo; Ajuda na coordenação e melhor desenvolvimento; Mais conhecimento; Maior dedicação; | Adaptação às novas comissões; Alguns estudantes não realizam as tarefas e costumam reclamar muito de realiza-las; Computadores estragados e ventilador da sala de informática ruim; Muitas | XXXXXXXXXXXXXXXXXX;      | Ter mais compromisso e dedicação; Orientação sobre o uso das máquinas; Todos procurarem ser mais responsáveis; Dividir melhor o número de estudantes nas comissões; Permanecer por mais tempo na mesma |

|                                         |                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                   |                                         |                                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                         |                                                                                                                                                                                                    | <p>peças na comissão (esporte e lazer); Aceitação em fazer as tarefas*;</p>                                                                                                                       |                                         | <p>comissão;</p>                                                                                                                                                                                                                    |
| <p><b>Coordenadores de Comissão</b></p> | <p>Estão progredindo nas comissões; Estão mais participativos e melhorando a organização; Estão mais responsáveis; Ajudam a coordenar a sala de informática; Coordenadores estão atuando mais;</p> | <p>Coordenar o Grupo; Alguns Estudantes não aceitam a coordenação;</p>                                                                                                                            | <p>XXXX 4ª (mais interessado);</p>      | <p>Mais participação dos monitores nas atividades práticas; Sempre se dedicar mais;</p>                                                                                                                                             |
| <p><b>Tarefas</b></p>                   | <p>Estudantes cumprindo suas tarefas; Estão mais bem divididas; Mais fácil de organizar e mais distribuído; Melhor o empenho individual;</p>                                                       | <p>Alguns estudantes não cumprem suas tarefas; Coordenadores tem que ficar buscando os estudantes para fazerem suas tarefas; Atrasos de estudantes para a refeição;</p>                           | <p>XXXXX 8º ano; Vários estudantes;</p> | <p>Monitores fazerem uma conversa; Colocar mais pessoas na louça e para que todos façam tarefas; Haver menos atrasos; Coordenadores de sessão observarem melhor; Utilizar luvas para servir – Biscoito/Bolinho/Cachorro-quente;</p> |
| <p><b>Atividades Práticas</b></p>       | <p>O jardim está mais limpo; Está mais bem planejado; Mais rendimento; Maior interesse e menos reclamações; Mais organizado; Maior dedicação; Cada comissão possui uma área definida;</p>          | <p>Compromisso com as atividades; Cultivar sem água; estudantes não fazem tarefas direito*; Estudantes que ficam reclamando **; Monitor fica olhando os outros a fazerem atividades práticas;</p> | <p>Vários Estudantes;</p>               | <p>Possuir mais interesse e compromisso; Participação das meninas em algumas tarefas; Ser mais pontual; Mais participação dos Monitores;</p>                                                                                        |

|                    |       |       |       |                                                                 |
|--------------------|-------|-------|-------|-----------------------------------------------------------------|
| <b>Alimentação</b> | <hr/> | <hr/> | <hr/> | Canjição ser transferido da tarde para a manhã devido ao calor; |
|--------------------|-------|-------|-------|-----------------------------------------------------------------|

## **16.0- CONCLUSÃO**

As reflexões teóricas e práticas proporcionadas com este Projeto de Pesquisa e Experimentação Pedagógica, foram e são fundamentais para revermos as visões sobre as experiências de auto-organização nos CEFFA's enquanto movimento da educação do campo. Diante disso, podemos constatar que a proposta de auto-organização dos estudantes está intimamente ligada ao contexto histórico dialético da educação que os povos do campo lutam e constroem, devido a sua organicidade e busca de reconhecimento em diferentes contextos.

É necessário destacar ainda o quão importante é este processo na formação dos estudantes enquanto sujeitos sociais, ou seja, à medida que os estudantes se envolvem na auto-organização, vão se formando, interpretando o mundo para além do senso comum, mas com novos propósitos e uma nova prática, percebendo que a organização faz parte de sua vida, que através desta podemos superar diversos desafios como o individualismo e os vícios artesanais no trabalho da organização.

Destaco ainda que, a auto-organização não possui receita, não deve ser compreendida como pronta e acabada, pelo contrário, a escola do campo deve sempre se preocupar em constantemente reestruturar sua práxis pedagógica, sempre estando aberta a avaliação, para novamente reestruturar sua proposta, possibilitando assim que o movimento de ação-reflexão-ação continue dentro do contexto escolar, proporcionando também que a formação vá além das paredes da escola, que os aprendizados obtidos pelos estudantes possam contribuir com suas ações na comunidade e nas organizações no qual pertencem.

É importante ainda acentuar, que a proposta de auto-organização na escola contribui para que os estudantes fortaleçam seus sentimentos de pertença pelos CEFFA's, isto, pois os mesmos deixam de apenas executar as atividades, mas tornam-se também sujeitos que indicam e planejam junto à escola suas possíveis atividades, conhecendo os desafios da escola, propondo mudanças dentro das possibilidades.

Por fim, acredito que o PPEP foi importantíssimo para o fortalecimento da educação do campo e estrutura pedagógica na Escola Família Agrícola de Marilândia, pois possibilitou e está possibilitando meios para uma melhor relação dos educadores com os estudantes, fortalecendo a organização do coletivo, mas também respeitando as características de cada indivíduo. É preciso destacar ainda que o Projeto não terminou, ele está na sua fase inicial, ou seja, é preciso estruturar diretrizes para adiante, como a formação da associação de estudante (que ocorrerá no final de 2016), de revisão das comissões e de suas abrangências, fortalecendo o propósito que a auto-organização é movimento, que está articulada a formação dos estudantes, das

famílias e dos monitores, sendo constantemente necessário os momentos de formação com a equipe de educadores, com as coordenações dos estudantes e de todo o coletivo.

## **17.0- ANEXOS**

### **Anexo 01: Texto Quando a escola é de vidro – Ruth Rocha**

“Naquele tempo eu até que achava natural que as coisas fossem daquele jeito. Eu nem desconfiava que existissem lugares muito diferentes... Eu ia para a escola todos os dias de manhã e quando chegava, logo, logo, eu tinha que me meter no vidro. É, no vidro!

Cada menino ou menina tinha um vidro e o vidro não dependia do tamanho de cada um, não! O vidro dependia da classe em que agente estudava. Se você estava no primeiro ano ganhava um vidro de um tamanho. Se você fosse do segundo ano seu vidro era um pouquinho maior. E assim, os vidros iam crescendo à medida que você ia passando de ano. Se não passasse de ano, era um horror. Você tinha que usar o mesmo vidro do ano passado, coubesse ou não coubesse. Aliás nunca ninguém se preocupou em saber se a gente cabia nos vidros. E pra falar a verdade, ninguém cabia direito.

Uns eram muito gordos, outros eram muito grandes, uns eram pequenos e ficavam afundados no vidro, nem assim era confortável. Os muitos altos de repente se esticavam e as tampas dos vidros saltavam longe, às vezes até batiam no professor. Ele ficava louco da vida e atarraxava a tampa com força, que era pra não sair mais.

A gente não escutava direito o que os professores diziam, os professores não entendiam o que a gente falava... As meninas ganhavam uns vidros menores que os meninos. Ninguém queria saber se elas estavam crescendo depressa, se não cabiam nos vidros, se respiravam direito... A gente só podia respirar direito na hora do recreio ou na aula de educação física. Mas aí a gente já estava desesperado, de tanto ficar preso e começava a correr, a gritar, a bater uns nos outros. As meninas, coitadas, nem tiravam os vidros no recreio. E na aula de Educação Física elas ficavam atrapalhadas, não estavam acostumadas a ficarem livres, não tinham jeito nenhum para Educação Física. Dizem, nem sei se é verdade, que muitas meninas usavam vidros até em casa. E alguns meninos também. Estes eram os mais tristes de todos. Nunca sabiam inventar brincadeiras, não davam risada a toa, uma tristeza! Se a gente reclamava? Alguns reclamavam. Então os grandes diziam que sempre tinha sido assim; ia ser assim o resto da vida. A minha professora dizia que ela sempre tinha usado vidro, até para dormir, por isso é que ela tinha boa postura. Uma vez um colega meu disse pra professora que existem lugares onde as escolas não usam vidro nenhum, e as crianças podem crescer a vontade. Então a professora respondeu que era mentira. Que isso era conversa de comunistas. Ou até coisa pior... Tinha menino que tinha até que sair da escola porque não havia jeito de se acomodar nos vidros. E tinha uns que mesmo quando saíam dos vidros

ficavam do mesmo jeitinho, meio encolhidos, como se estivessem tão acostumados que estranhavam sair dos vidros. Mas uma vez veio para a minha escola um menino, que parece que era favelado, carente, essas coisas que as pessoas dizem pra não dizer que era pobre. Ai não tinha vidro pra botar esse menino.

Então os professores acharam que não fazia mal não, já que ele não pagava a escola mesmo... Então o Firuli, ele se chamava Firuli, começou a assistir as aulas sem estar dentro do vidro. Engraçado é que o Firuli desenhava melhor que qualquer um, o Firuli respondia perguntas mais depressa que os outros, o Firuli era muito mais engraçado... Os professores não gostavam nada disso... Afinal, o Firuli podia ser um mau exemplo pra nós... Nós morríamos de inveja dele, que ficava no bem-bom, de perna esticada, quando queria ele espreguiçava, e até meio que gozava a cara da gente que vivia preso. Então um dia um menino da minha classe falou que também não ia entrar no vidro.

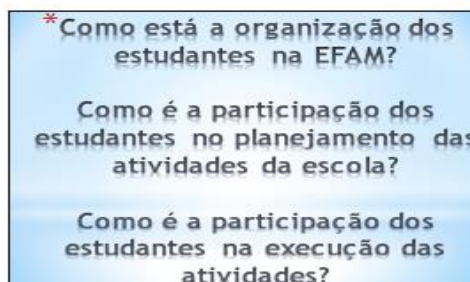
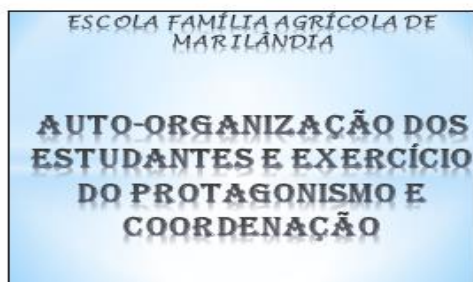
Dona Demência ficou furiosa, deu um coque nele e ele acabou tendo que se meter no vidro, como qualquer um. Mas no dia seguinte duas meninas resolveram que não iam entrar no vidro também: – Se Firuli pode por que é que nós não podemos? Mas dona Demência não era sopa. Deu um croque em cada uma, e lá se foram elas, cada uma pro seu vidro... Já no outro dia a coisa tinha engrossado. Já tinha oito meninos que não queriam saber de entrar nos vidros.

Dona Demência perdeu a paciência e mandou chamar seu Hermenegildo que era o diretor lá da escola. Hermenegildo chegou muito desconfiado: Aposto que essa rebelião foi fomentada pelo Firuli. É um perigo esse tipo de gente aqui na escola. Um perigo! A gente não sabia o que queria dizer fomentada, mas entendeu muito bem que ele estava falando mal do Firuli. Seu Hermenegildo não conversou mais. Começou pegar os meninos um por um e enfiar á força dentro dos vidros. Mas nós estávamos loucos para sair também, e para cada um que ele conseguia enfiar dentro do vidro, já tinha dois fora.

E todo mundo começou a correr do seu Hermenegildo, que era para ele não pegar a gente, e na correria começamos a derrubar os vidros. E quebramos um vidro, depois quebramos outro e outro mais e dona Demência já estava na janela gritando: SOCORRO! VÂNDALOS! BÁRBAROS! (Pra ela bárbaro era xingação). Chamem os Bombeiros, o Exército da Salvação, a Polícia Feminina... Os professores das outras classes mandaram cada um, um aluno para ver o que estava acontecendo. E quando os alunos voltaram e contaram a farra que estava na 6ª série todo mundo ficou assanhado e começou a sair dos vidros. Na pressa de sair começaram a esbarrar uns nos outros e os vidros começaram a cair e a quebrar. Foi um custo botar ordem na escola e o diretor

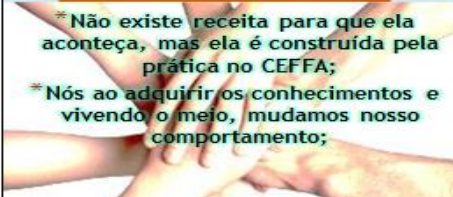
achou melhor mandar todo mundo pra casa, que era pra pensar num castigo bem grande, pro dia seguinte. Então eles descobriram que a maior parte dos vidros estava quebrada e que ia ficar muito caro comprar aquela vidraria toda de novo. Então diante disso seu Hermenegildo pensou um bocadinho, e começou a contar pra todo mundo que em outros lugares tinha umas escolas que não usavam vidro nem nada, e que dava bem certo, as crianças gostavam muito mais. E que de agora em diante ia ser assim: nada de vidro, cada um podia se esticar um bocadinho, não precisava ficar duro nem nada, e que a escola agora ia se chamar Escola Experimental. Dona Demência, que apesar do nome não era louca nem nada, ainda disse timidamente: – Mas seu Hermenegildo, Escola Experimental não é bem isso... Seu Hermenegildo não se perturbou: – Não tem importância. A gente começa experimentando isso. Depois a gente experimenta outras coisas... E foi assim que na minha terra começaram a aparecer as Escolas Experimentais. Depois aconteceram muitas coisas, que um dia eu ainda vou contar...”

## **Anexo 02:** Slides utilizados na Motivação com os estudantes



### Auto Organização

- \* Não existe receita para que ela aconteça, mas ela é construída pela prática no CEFFA;
- \* Nós ao adquirir os conhecimentos e vivendo o meio, mudamos nosso comportamento;



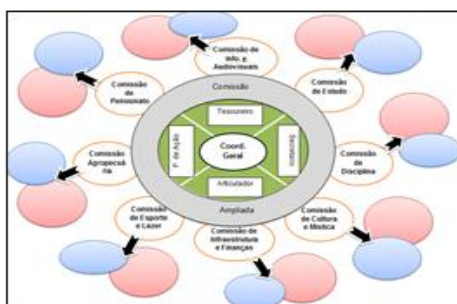
### Ser Coordenador e ser Coordenado

- \* Um coordenador coordena uma equipe de pessoas, distribui tarefas, auxilia na execução e supervisiona o trabalho de cada um individualmente. Deve ser uma pessoa dinâmica, que saiba delegar tarefas e tenha bom relacionamento com todos da equipe;
- \* Compreender as orientações contribuindo para o desenvolvimento das ações a serem realizadas;




### \*Proposta de Auto-Organização no CEFFA de Marilândia

- \* Motivos: Elemento da P.A.; Gestão Compartilhada e Democrática; Associação de Estudantes; Valorizar a formação do jovem como sujeito; PPEP (Pesquisa); Fortalecer as relações dos estudantes com os monitores;
- \* Proposta: Aprimorar a auto-organização dos estudantes; Constituir a Associação de Estudantes;



### \* Acompanhamento

- \* Reunião das Comissões - Pastas;
- \* Monitor Acompanhante;
- \* Comissão Ampliada;
- \* Coordenação Geral;
- \* Planejamento de tarefas de manutenção, agropecuária e função de acordo com a abrangência de cada comissão;




### Anexo 03: Planejamento semanal da Comissão de "Cultura e Mística"

#### Auto-organização dos Estudantes - Escola Família Agrícola de Marilândia

| Comissão CULTURA E MÍSTICA                                                                                                                                                                        | Série 6º, 7º, 1º e 3º                                                                                                                            | Sessão 5ª                                                                                                                               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Atividades de Função                                                                                                                                                                              | Atividades de Manutenção                                                                                                                         | Atividades Agropecuárias                                                                                                                |
| <p>Sem: Kacismark</p> <p>Bingo: quarta-feira na hora do almoço</p> <p>6º → Hugo</p> <p>7º → Carla</p> <p>1º → Kacismark</p> <p>3º → Beatriz</p> <p>Pachar: Jayane e Carla</p> <p>12:30 começa</p> | <p>Balde: Jefferson</p> <p>Katão de Lixo: Beatriz e Danilo</p> <p>Refeitório da tarde: Jayane e Raquel</p> <p>Sem tarefas</p> <p>Hugo, Carla</p> | <p>Recebeira: Kacismark</p> <p>Cozinhar: Jayane, Danilo, Raquel</p> <p>Recebeira: Jefferson, Hugo</p> <p>Vigilância: Carla, Beatriz</p> |

### Anexo 04: Registro de uma Reunião da Comissão Ampliada

|                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                           |
|------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Reunião Comissão Ampliada</p> <p>25/02/16 6º, 7º, 1º e 3º série</p> |                                                                                                                                                                                                                                                           |
| →                                                                      | <p>Planejamento das comissões.</p> <p>Comissão de esporte e lazer deixaram para dividir a atividade prática no dia; a comissão de pensionato não fez a divisão da atividade prática, como também as comissões de disciplina e finanças e informática.</p> |
| →                                                                      | <p>Desafio</p> <p>Divisão da atividade prática e realização das tarefas pelos membros; falta de responsabilidade de alguns es-</p>                                                                                                                        |

deradeiros no refeitório.

- Comissão de Transportes.  
Só será permitido o ping-pong na hora da chegada dos alunos pela manhã, no lanche da manhã (9:35 a 9:50) e no almoço (12:10 a 12:55).

- Comissão de Finanças.  
Fazer uma conversa com os estudantes sobre os papéis de pedrê jogados no chão e deixado a isso, suspender a venda de pedrês.  
Procurar outro revendedor de pedrês.

- Comissão de Informática.  
manutenção dos computadores.  
Fazer uma conversa com os estudantes.

→ Comissão Agropecuária.

Local de encontro das comissões:  
Amanda e Ramon (agropecuária)  
\* Pi de famelão.

comissão de pensionato:  
\* Refeitório

comissão de finanças  
\* garagem.

comissão de disciplina  
\* Paio

comissão de Estudos  
\* Próximo ao visório

comissão de esporte  
\* Campo

Comissão de música.

\* Pátio

→ Propostas

\* ventiladores no refeitório e sala de informática.

\* Cortina nas salas.

Reunião Comissão Ampliada  
31/03/16 6º, 7º, 1º e 3º.

Repassse das ideias discutidas na reunião do Conselho.

Reunião Comissão Ampliada  
11/04/16 6º, 7º, 1º e 3º.

Algumas comissões não fizeram a divisão para o trabalho prático. Deve haver organização durante o horário em que as comissões estão reunidas.

Foi falado sobre a neces-

sidade de se apresentar as 10 justificativas para que possa ocorrer a tarde esportiva com os alunos.

25/04/16

Reunião Comissão Ampliada

Deve-se conversar com os alunos do Ensino Fundamental e explicar que todos tem que fazer tarefas, além do trabalho prático.

Começamos a elaborar as justificativas.

## Anexo 05: Ata da 1ª Reunião do Conselho de Coletividade

### Reunião do Conselho de Coletividade

No dia 29 de março de 2016, foi realizada a reunião com os participantes do conselho que são Gilmar, Beatriz, Daniel Sant'Ana, Jacimara, Gabriel, Jhonathan, Daniel e Hugo junto com o professor Felipe.

A auto-organização melhorou a participação dos alunos nas atividades.

Desafios: Coordenar o ensino fundamental, o comportamento dos alunos, a maneira de falar, os conflitos.

Felipe propôs a mudança para Conselho de Coletividade e não mais coordenação geral.

Comissão de Finanças: O Pedro não está presente no trabalho prático.

Comissão de Informática: Orientar os alunos mais novos para que consigam auxiliar o professor.

Gabriel disse que o Hp apresenta necessidade de formatação.

Observamos a necessidade de edificar o condicionador na sala de informática.

Comissão de esporte e lazer: Daniel propôs momentos de esportes, temos que apresentar as justificativas.

A comissão agropecuária pode intervir nas outras comissões quanto as atividades agropecuárias.

Deve-se escolher uma pessoa para coordenar as viagens no ônibus.

O armário (estantes) quebrou devido as solicitações dos alunos não serem atendidas.

A comissão agropecuária pode intervir nas outras comissões quanto as atividades agropecuárias.

Deve ser mantida a organização da biblioteca.

Na comissão de finanças há poucas pessoas para realizar as tarefas.

Cada comissão deve preencher a pasta com organização.

O horário para a reunião da comissão ampliada é de 12:40 a 13:00 hs às segundas-feiras.

Pautas da Comissão Ampliada:

- Planejamento de cada comissão;
- Expor as dificuldades/desafios;
- Propostas para outras comissões;
- Socialização com as outras comissões.

Deve-se colar uma cópia da folha de tarefas em algum local onde todos possam ver.

Planejamento 2016:

Visitar uma escola que já tenha a organização com comissões (Educação de Rio Bonito),

Beatriz e Jhonatan, Jocimara e Gabriel.

Fazer o estatuto da Associação.

Organizar a assembleia fracionada para o mês de novembro.

Realizar formações com os alunos.

Temas: Bullying, higiene, meio ambiente, cidadania e auto organização e dengue

Pensar na possibilidade de fazer uma viagem de fim de ano.

Próxima reunião dia 12 de julho.

#### Anexo 06: Fotos da Visita ao CEFFA de Rio Bananal



## Anexo 07: Fotos das reuniões das Comissões



## Anexo 08: Materiais de registro da auto-organização



## **18.0- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AEEFAJ, Associação de Estudantes da escola Família Agrícola de Ensino Médio e Educação Profissional de Jaguaré. **Estatuto da AEEFAJ**. Jaguaré, 2015.

ARROYO, Miguel Gonzalez. FERNANDES, Bernardo Maçano. *A educação básica e o movimento social do campo*. Brasília: articulação nacional por uma educação do campo, 1999.

BARRETO, Vera. *Paulo Freire para Educadores*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

BETTO, Frei. *Reinventar a Vida*. Petrópolis: Vozes, 2014.

CALDART, Roseli Salete. PEREIRA, Isabel Brasil. ALENTEJANO, Paulo. FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). *Dicionário da Educação do Campo* – 2º ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *O que é Participação Política* - 1ª ed. 15ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DIAZ BORDENAVE, Juan E. *O que é Participação* – 8ª ed. 4ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2007. – (Coleção primeiros passos; 95).

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JAGUARÉ. **Projeto Político Pedagógico**. Jaguaré, 2014.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE MARILÂNDIA. **Projeto Político Pedagógico**. Marilândia, 2015.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire*; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa* – 49º ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. *A escola e o professor : Paulo Freire e a paixão de ensinar* – 1. ed. – São Paulo : Publisher Brasil, 2007.

IMAGEM A ESCOLA DE VIDRO – RUTH ROCHA, Acessado em 11/01/2016, disponível em: <https://www.pinterest.com>.

LEUDEMANN, Cecília da Silveira. *Anton Makarenko vida e Obra – a pedagogia na revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2002 (p. 281-328).

LUCK, Heloísa. *A Gestão Participativa na Escola – 8ª ed.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010. Série Cadernos de Gestão.

MORAIS, Clodomir Santos de. *Elementos sobre a Teoria da Organização no Campo*. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 1986.

NOSELLA, Paolo. *Educação do campo: origens da pedagogia da alternância no Brasil*. Vitória: EDUFES, 2012. (Educação do Campo. Diálogos Interculturais).

PISTRAK, M.M. *Fundamentos da Escola do Trabalho – 3ª.ed.* São Paulo: Expressão Popular, 2011.

Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo. *Cultivando a Educação dos Povos do Campo do Espírito Santo*. São Gabriel da Palha: Cricaré, 2015.

Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância. **Caderno de Acompanhamento**. 2013.

SAVIANI, Dermeval, *Escola e Democracia – 4ª ed* – São Paulo: Cortez Editora/ Editora Autores Associados, 1984.

SOUZA, Rui Antônio. Juventude, revolução e protagonismo. **Mundo Jovem um jornal de ideias**. Porto Alegre, ano 54, n.463. p.19, 2016.

TELAU, Roberto. **A Importância do PLANO DE ESTUDO – a Metodologia da Pedagogia da Alternância** – na Formação dos estudantes do 9º ano da Escola Municipal Comunitária Rural Padre Fulgêncio do Menino Jesus. 2012. Projeto de Pesquisa e Experimentação Pedagógica. Faculdade de educação, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

TEXTO RUBEN ALVES – ESCOLA QUE SÃO GAIOLAS E ESCOLAS QUE SÃO ASAS. Acessado em: 08/01/2016, Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/MzczMjY/>

TEXTO RUTH ROCHA – QUANDO A ESCOLA É DE VIDRO, Acessado em 11/01/2016, Disponível em: <http://br.librosintinta.in/ruth-rocha-pdf.html>.

UNEFAB - União Nacionais das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. *Revista da Formação por Alternância – Educação do Campo*. Brasília: EMBRAPA Informação Tecnológica, 2011.

\_\_\_\_\_ – *Formação Integral*. Belo Horizonte: Editora Social “O Lutador”, 2007.

\_\_\_\_\_ – *Juventudes Rurais*. Brasília: Cidade Gráfica e Editora LTDA, 2008.

ZAMBERLAN, Sérgio. *Pedagogia da Alternância*. Gráfica Mansur, 1995. Coleção Francisco Giust – 1.